

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JOSÉ GONÇALVES MEDEIROS JUNIOR

**TAÇA ZONA SUL DE FUTSAL NA CIDADE DE JAGUARÃO/RS: O TORNEIO
QUE MOBILIZOU A POPULAÇÃO DE 1998 A 2002**

Jaguarão

2017

JOSÉ GONÇALVES MEDEIROS JUNIOR

**TAÇA ZONA SUL DE FUTSAL NA CIDADE DE JAGUARÃO/RS: O TORNEIO
QUE MOBILIZOU A POPULAÇÃO DE 1998 A 2002**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Pampa-Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti.

Jaguarão
2017

JOSÉ GONÇALVES MEDEIROS JUNIOR

**TAÇA ZONA SUL DE FUTSAL NA CIDADE DE JAGUARÃO/RS: O TORNEIO
QUE MOBILIZOU A POPULAÇÃO DE 1998 A 2002**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Pampa-Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em História.

Trabalho de conclusão defendido em

Banca Examinadora:

Professor Dr. Jônatas Marques Caratti

Orientador

História/ UNIPAMPA

Professor Dr. Ginter Tlajja Leipnitz

Banca Examinadora

História/ UNIPAMPA

Professora Dra. Letícia de Farias Ferreira

Banca Examinadora

História/ UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela proteção a mim dispensada durante essa longa caminhada;

Aos meus pais, José e Maria, pelo apoio, compreensão e amor a mim dedicados;

A minha amada filha, Eduarda, pelo amor e paciência, durante o tempo que estive ausente me dedicando aos estudos;

Minhas irmãs, Patrícia e Bruna, meu irmão Bruno e cunhados Allan e Suellen, por sempre me incentivarem a alcançar meus objetivos e por nunca me deixarem desistir dos meus objetivos.

A minha amada esposa, Vanessa Acosta, por estar sempre ao meu lado e pelo apoio incondicional durante essa árdua caminhada;

Agradeço ao senhor Francisco Antunes, proprietário do jornal A folha de Jaguarão, que me deixou à vontade para pesquisar no seu valioso arquivo de jornais, que foi fundamental para a realização plena deste trabalho de conclusão de curso;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti, pelo compromisso, seriedade, tranquilidade e sabedoria com que conduziu a orientação deste trabalho, e por estar sempre à minha disposição ao longo do trabalho sem medir esforços para atender as minhas necessidades;

A todos os Professores (as) os quais ministraram minhas aulas durante este longo percurso e que de uma forma ou outra contribuíram para este trabalho, não poderia citar a todos pois são muitos e o agradecimento é extenso;

E, finalmente, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu muito obrigado a todos.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral demonstrar a integração promovida entre os municípios através do futsal, causado pelo surgimento da Taça Zona Sul de Futsal, bem como a relevância cultural do evento na cidade de Jaguarão/RS. Serão tratadas as primeiras cinco edições: de 1998 a 2002. A partir de revisão bibliográfica e análise dos jornais locais foi realizada uma pesquisa com a finalidade de registrar o maior e mais relevante evento de futsal na cidade de Jaguarão. O trabalho possui três capítulos, a saber: (1) História do esporte; (2) História do Futebol, Futebol de Salão e, (3) Futsal na cidade de Jaguarão. Este trabalho sobre o futebol foi capaz de reviver a memória esportiva da comunidade jaguareense tanto os que estiveram diretamente ligados bem como os indiretamente envolvidos.

Palavras-chave: Futsal; Taça Zona Sul; Manifestação cultural.

Resumen

El presente trabajo tiene el objetivo general de demostrar la integración promovida entre las ciudades a través del futsal causado pelo surgimiento de la *Taça Zona Sul de Futsal*, bien como la relevancia cultural del evento en la ciudad de Yaguarón/RS. Serán tratadas las primeras cinco ediciones: de 1998 a 2002. A partir de revisión bibliográfica y análisis de los periódicos locales fue realizada una encuesta con la finalidad de registrar el mayor y más relevante evento de futsal en la ciudad de Yaguarón. El trabajo posee tres capítulos, a saber: (1) Historia del deporte; (2) Historia del futbol de salón y, (3) Futsal en la ciudad de Yaguarón. Este trabajo pionero del futbol fue capaz de revivir la memoria deportiva de la comunidad jaguareense de los que estuvieron directamente ligados bien como los indirectamente involucrados. Palavras-clave: futsal; Taça Zona Sul; manifestación cultural

Sumário

Introdução	8
Capítulo I: História do esporte	10
Capítulo II: História do futebol	19
Capítulo III: Futebol de salão, futsal e a prática do esporte na cidade de Jaguarão através da Taça Zona Sul de seleções	28
Considerações Finais	51
Referências	53

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo geral de demonstrar a integração promovida entre os municípios através do futsal causado pelo surgimento da Taça Zona Sul de Futsal, bem como a relevância cultural do evento na cidade de Jaguarão/RS. Como objetivos específicos pretende-se demonstrar a relevância da Taça Zona Sul de Futsal na cidade de Jaguarão para a comunidade jaguarense, jogadores, comissão técnica e torcedores; compreender os pontos fundamentais que levaram esse evento a ser tão significativo para Jaguarão e região; identificar os personagens que compuseram a história da Taça Zona Sul de Futsal na cidade de Jaguarão; discutir o futsal como manifestação cultural no município.

Com base nisso, este trabalho tratará do evento esportivo denominado Taça Zona Sul de Futsal na cidade de Jaguarão. Esse torneio ocorreu entre os anos de 1998 a 2012, porém neste trabalho tratarei das primeiras cinco edições que correspondem ao período de 1998 até 2002 devido ao fato de eu não ter participado diretamente neste período, pois acredito que o pesquisador necessita ter um distanciamento do objeto de pesquisa para que não ocorram interferências no resultado, porque “o historiador/pesquisador deve ser crítico ao analisar suas fontes, não as tomando como verdades absolutas e questionando-as sempre que necessário” (BACELLAR, 2010 apud VICARI, 2015, p. 17).

Então, nas edições das quais fiz parte, poderia ter um olhar ainda mais parcial do que tive frente aos resultados das edições em que não participei como jogador, ocasionando informações inverídicas. O problema de pesquisa é: “De que forma aconteciam os jogos da Taça Zona Sul de Futsal, o que motivou o organizador a produzir o evento e qual a relevância cultural do evento para a cidade de Jaguarão?”

Este trabalho justifica-se, pois a Taça Zona Sul de Futsal foi um dos eventos esportivos mais importantes da cidade de Jaguarão, ocorrido entre os anos de 1998 a 2012. Além disso, este trabalho é relevante por fazer uma análise das cinco primeiras edições desse momento histórico da cidade.

Nessa mesma linha de pensamento, este trabalho tem a pretensão de mostrar o esporte como uma manifestação cultural e assim entender o sentimento que despertava nas pessoas. Como jogador, percebo que o campeonato muito contribuiu para a cidade, gerando além de lazer, um sentimento de pertencimento da comunidade local com o time de futsal. Também é importante ressaltar que o presente

trabalho é importante para reunir memórias tais como: as informações relativas aos jogos, como aconteciam os momentos pré-jogo, jogo e o pós-jogo, bem como documentar fichas técnicas, visão dos jogadores, torcedores e comissão técnica sobre o evento que mobilizava tantas pessoas. Além disso, vejo a enorme influência que esse evento ainda causa nas pessoas mesmo depois de ser extinto. Ainda nos dias atuais, a memória permanece viva tanto em quem participou diretamente do evento quanto nos filhos dessas pessoas que são encorajados por seus pais a praticarem o futsal devido à grande influência da Taça Zona Sul de Futsal.

Este é um trabalho que se caracteriza como história do tempo presente. Segundo François Bédarida (apud DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 22) “sua característica básica é a presença de testemunhos vivos, que podem vigiar e contestar o pesquisador, afirmando sua vantagem de ter estado presente no momento do desenrolar dos fatos”. Para fundamentar a investigação pretendida foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática abordada no trabalho. Não há muito material escrito em livros. Portanto, os dados foram coletados também em jornais, blogs e páginas da internet.

No caso do uso de jornais como fonte escrita “o historiador deve estar atento que, na construção do fato jornalístico, não apenas os elementos objetivos e subjetivos de quem produz estão presentes, mas, também, os interesses do próprio jornal” (RÜDIGER, 1993¹ apud LAPUENTE, 2015, p. 6) e ainda “ao pesquisador, não apenas os elementos do momento histórico são importantes, mas buscar captar também quais são os elementos de interesse do próprio jornal” (LAPUENTE, 2015, p. 7).

O trabalho possui três capítulos, a saber: (1) História do esporte; (2) História do Futebol; e, (3) Futebol de salão, futsal e a prática do esporte na cidade de Jaguarão através da taça zona sul de seleções. Para finalizar, trago as considerações finais, um breve posicionamento sobre a pesquisa realizada. Na sequência, apresento o primeiro capítulo: História do Esporte.

¹ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

Capítulo I: História do esporte

Para fundamentar este trabalho foram realizados estudos sobre esporte, futebol, futebol de salão e futsal, assuntos relevantes quando se quer tratar de um evento esportivo ocorrido em uma localidade. Neste primeiro capítulo, explano sobre a História do Esporte, sua origem e quais seus primeiros registros, sobre a forma de manifestação e como ocorriam as práticas esportivas.

Melo et al. (2013) em seu livro “Pesquisa histórica e história do esporte” trazem a origem da palavra *sport* no qual vem da palavra francesa antiga denominada *disport* muito utilizada na Inglaterra do século XV e que passou a ter o sentido atual da palavra, ou seja, do esporte como hoje conhecemos, somente no final do século XVIII, início do século XIX.

No âmbito esportivo é normal acreditar que sempre se possuiu uma visão histórica, pois a grandiosidade das conquistas e a coragem dos jogadores que disputavam os esportes necessitavam de registros para que sua difusão fosse passada de geração em geração e não fosse perdida ou esquecida. Assim, os feitos deveriam ser testemunhados, documentados para que enfim fossem preservados e difundidos, o que demonstra uma clara e manifesta preocupação histórica com a perpetuação e difusão dos *sports*.

Melo et al. (2013, p. 26) destacam que “[...], desde então, relacionar o esporte com um suposto passado longínquo, de forma a, estrategicamente, reiterar sua importância”, ou seja, desde um passado muito distante já se tinha a preocupação em perpetuar as manifestações esportivas de forma que sua importância e relevância social e cultural fosse passada de geração para geração.

Elias (1992) explana em seu livro “A busca da excitação” que na Inglaterra o “desporto” nada mais era que uma espécie de lazer ou passatempo utilizado pelas pessoas, principalmente durante os séculos XIX e XX. Em se tratando do resto do mundo, as pessoas buscavam elementos tanto para lazer quanto para mover um sentimento interno de prazer e satisfação pessoal. Nesse sentido, os esportes surgiram para substituir talvez o sentimento que o homem tem durante um conflito, uma batalha ou uma guerra.

O autor ainda traz a ideia de que as sociedades atuais não são as primeiras em que seus habitantes possuem esse sentimento tão forte sobre os *sports*. Elias traz exemplos da idade média em que os cortesãos do rei Luís XIV praticavam *sports* e

cita os gregos no período denominado antiguidade em que eram os maiores pioneiros da modalidade, em que na atualidade denominamos como atletismo. Além disso, os gregos também disputavam outros *sports*, porém não tiveram o mesmo poder que na atualidade de organizar nem competições de jogos locais, nem entre cidades-estados ou jogos em escalas maiores ou de maior relevância.

Conforme Elias (1992), não é possível saber se na Grécia antiga as competições tinham os mesmos formatos do que consideramos esportes na atualidade. Na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX surgiram o que chamamos de *sports*, daí em diante espalharam-se para outros países como França, Alemanha e Estados Unidos da América. Essas novidades eram consideradas disputas ou jogos dos mais diversos formatos, normas e gêneros.

O autor ainda destaca que vale lembrar que os registros históricos sobre a modalidade que conhecemos nos dias atuais como atletismo são datados dos anos de 800 a. C. nos jogos olímpicos gregos da antiguidade. Sobre o período denominado idade média existem dados que revelam que nos festivais religiosos existiam jogos de bola entre cidades rivais e esses jogos de bola são considerados antecessores do *soccer* (futebol), basebol, tênis, etc.

Outro aspecto defendido por Elias (1992) é que no século XX ocorriam grandiosos espetáculos envolvendo esses esportes. Esses registros históricos são inúmeros fatos documentados que nos ajudam a entender como os esportes que conhecemos nos dias atuais foram se modernizando, se modificando e se adaptando as realidades dos países e de suas populações. Nessa linha de pensamento o autor destaca que

a partir de um exame mais profundo, não é difícil verificar que os concursos de jogos da antiguidade clássica, que são representados com frequência como paradigma do desporto, possuíram numerosas características importantes e progrediram sob condições que eram muito diferentes das que distinguem os nossos próprios concursos de jogos. O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno (ELIAS, 1992, p. 195).

Então, observando os registros históricos da antiguidade clássica é possível perceber que, no decorrer dos anos, houve uma mudança no sentido do que hoje é considerado esporte, ou seja, com o passar do tempo, as características, as regras e o próprio desempenho foram modificando-se demonstrando a distinção entre o esporte daquela época e o esporte da modernidade.

Segundo o autor, as competições esportivas no período da antiguidade são diferentes da concepção de esportes que possuímos nos dias atuais, pois as regras aceitavam um grau de violência brutal. Já, atualmente, os esportes possuem muitas regras detalhadas que são utilizadas tendo em vista a proteção ao físico ou a integridade física dos atletas que disputam qualquer modalidade esportiva inclusive nos esportes de contato físico extremo como o boxe, o basquete, o futebol, etc.

Elias (1992) ainda aponta que, através do processo de civilização de uma sociedade, entende-se que a formação do estado e da consciência humana aceita um determinado nível de violência física. Sendo assim, na Grécia antiga, devido ao baixo valor do ser humano, seria aceito por aquela sociedade um alto grau de violência nos jogos, porém com o passar dos séculos, a violência física nos esportes foi diminuindo até chegar ao nível presenciado nos dias atuais. Com base nessas considerações, o autor ainda destaca que

nós próprios evoluímos de acordo com uma organização social e um controlo dos meios de violência específicos dos estados-nações do nosso tempo, com padrões específicos de autodomínio quanto a impulsos de violência. Avaliamos as transgressões de maneira automática por estes padrões – quer elas ocorram na nossa própria sociedade quer noutros estádios de desenvolvimento diferentes. Assim interiorizados, estes padrões proporcionam protecção e fortalecem as nossas defesas, sob uma grande variedade de formas, contra pequenas faltas. Uma sensibilidade elevada relativamente a actos de violência, a sensação de repugnância contra o facto de se presenciar a violência, cometida para além do nível permitido na vida real, sentimentos de culpa sobre os nossos próprios erros, uma “má consciência”, tudo isto é sintomático destas defesas. Contudo, num período de incessante violência presente nas questões entre estados, estas defesas interiorizadas contra impulsos a violência, permanecem, inevitavelmente, instáveis e frágeis (ELIAS, 1992, p. 197).

Na atualidade, em determinadas sociedades há um sentimento em relação à violência, ou seja, não há uma aceitação quando ocorre um ato violento em algum esporte que leva o atleta à morte, por exemplo. Na antiguidade, pela organização da própria sociedade havia o entendimento que o esporte ocorria dessa forma, se uma pessoa fosse para uma competição e morresse, era comum, próprio daquela modalidade esportiva.

Durante o império romano entre os anos de 27 a.C. e 476 d.C. os soldados utilizados em batalhas pelo império já não eram cidadãos comuns, mas sim soldados profissionais e a ligação dos concursos de jogos e técnicas de combate militar eram muito similares. Com isso, os jogos eram utilizados como uma espécie de treinamento militar e vice-versa, pois nessa sociedade os heróis ou de jogos ou festividades eram

confundidos com épicos heróis de guerras e da mitologia. Assim, um homem que viesse a morrer em um combate nos jogos de luta, por exemplo, era coroado como vencedor por sua cidade de origem ou por seus pares, destaca Elias (1992).

O autor ainda aponta que, muitos séculos depois, no período denominado modernidade, mais precisamente na Inglaterra, notava-se o prazer e a excitação ocasionado pelos jogos nas pessoas, um prazer breve, sentido durante as provas, no momento da vitória devido ao desafio que proporcionava o *sport*, prazer este antes somente sentido em batalhas militares, porém em momentos de paz ou agora em momentos de menos conflitos, seria trocado por uma forma não letal que causava a euforia e prazer: o esporte.

Assim, esses desafios que causavam tensão, euforia e prazer nas pessoas, passaram a fazer parte do cotidiano da Inglaterra e a ser difundido e aprimorado por vários outros países, esportes considerados “rudes”, de agora em diante, passariam a ser um sinal de “civildade”. Nessa linha de pensamento,

os tipos de violência física integrados em combates de jogos Gregos[...], segundo a nossa escala de valores, recebe classificações bastante negativas. O facto de associarmos um com um valor positivo e outro com um valor negativo conduz a uma situação onde parece, aos que permitem que a sua compreensão seja guiada por julgamentos de valor, preconcebidos, que estes dados não se podem relacionar entre si. Um problema insolúvel atinge todos quantos julgam o passado em termos deste tipo de avaliação (ELIAS, 1992, p. 207).

Com base nisso, não podemos hoje interpretar um fato do passado como sendo negativo ou errado porque naquela época era a maneira que a sociedade aceitava, ou seja, não podemos relacionar e julgar um fato do passado com a visão que temos hoje, pois esse julgamento seria considerado um anacronismo.

Cabe aqui destacar que, segundo o autor, em qualquer época se notam diferenças de visão entre variados aspectos sociais em que o observador enxerga os valores sociais de formas diferentes, ou seja, na Grécia, no período da antiguidade, por exemplo, pode-se considerar que era uma sociedade extremamente brilhante em áreas como a filosofia e no campo das artes, porém em seus jogos existia uma incrível brutalidade que não era compatível com aquela sociedade. Com isso, a beleza nas artes e o horror dos jogos caminhavam lado a lado mesmo sendo duas manifestações extremamente distintas. Porém, cabe destacar que essas duas manifestações culturais opostas levavam prazer e excitação às pessoas e pertenciam a mesma estrutura da sociedade na Grécia antiga.

Outro ponto da opinião do autor que cabe mencionar neste trabalho é de que na sociedade grega, no período denominado antiguidade, um homem fraco fisicamente ou com algum tipo de deformidade física, não conseguiria possuir ou manter uma posição social elevada, pois para isso era necessário, resistência, força e beleza física sendo esses três itens fundamentais para a ascensão social.

Comparando com a nossa sociedade atual, esses três itens valorizados durante a antiguidade teriam menos valor, pois a imagem corporal possui um nível relativamente baixo atualmente, pois, em algumas situações, é possível afirmar que um bom caráter e a inteligência de uma pessoa ocupa uma posição muito acima na sociedade em comparação apenas e simplesmente de uma boa imagem corporal. Em contrapartida,

na sociedade das cidades-estado da Grécia era diferente. Desde a infância, seres humanos que fossem fracos ou deformados eram eliminados. Recém-nascidos débeis eram abandonados à morte. Um homem que fosse incapaz de lutar interessava pouco. Era muito raro um homem aleijado, doente ou muito velho adquirir ou manter uma posição de liderança pública (ELIAS, 1992, p. 209).

Com base nisso, podemos perceber que a aparência nas sociedades da antiguidade era indispensável para a ascensão social e, com o passar dos anos essa visão modificou-se, especialmente no tratamento das pessoas que não são consideradas o padrão na sociedade.

Em relação à violência, se compararmos os esportes da Grécia no período da antiguidade (jogos olímpicos) e jogos do período medieval com os esportes praticados nos dias atuais, teremos a clara certeza do processo de civilização que obtivemos em relação aos dois períodos citados, pelo menos no que tange à prática esportiva. São exemplos dessa evolução: a preocupação com a maior proteção ao atleta e a sua integridade física, o avanço tecnológico que promove inovações e com ela existem materiais mais leves e adequados a cada prática esportiva, regras e normas estão sempre em evolução tendo em vista a total proteção a integridade física de quem pratica qualquer atividade física na atualidade.

Não podemos dizer que os homens contemporâneos são mais civilizados que os homens da antiguidade ou do medievo, pois aqui neste trabalho não relaciono outros aspectos da sociedade, necessários para fazer uma análise dignamente apurada. Porém, acredito que, no período denominado antiguidade, a violência exacerbada nos jogos eram apenas reflexo de uma sociedade que, em geral, possuía

uma aceitação maior à violência, o que não quer dizer que por esse motivo tanto a idade antiga como a idade média fossem menos civilizadas do que a sociedade atual. Nessa perspectiva, Elias traz alguns exemplos que podem demonstrar com mais nitidez este contexto:

No século XX, a chacina de massas por grupos de nazis alemães, despertou a reacção de quase todo o mundo. A memória de facto manchou, durante algum tempo, o bom nome da Alemanha entre as nações do mundo. O choque foi ainda maior porque muitas pessoas viviam sob a ilusão de que, no século XX, tais barbaridades já não podiam acontecer. Tacitamente, acreditavam que as pessoas se tinham tornado mais “civilizadas”, que se haviam tornado “moralmente melhores”, de acordo com sua própria natureza (ELIAS, 1992, p. 212).

Essa citação se utiliza do nazismo para nos demonstrar que restringir a violência não é um sinal de evolução ou civilidade, mas sim de uma forma que gerou um controle absoluto social e, durante os séculos, aprendemos a nos sentir repugnados com a violência, o que não significa que somos menos violentos que na antiguidade, ou mais civilizado, quer dizer que as formas de conduta, de pensar e de sentir a sociedade é que passaram a ser mais civilizadas.

Segundo Priore (2009) os esportes tinham por objetivo, mostrar a “civilidade” de quem o praticava, assim os chamados “jogos de cavalheiros” que eram praticados principalmente pela aristocracia europeia com eventos como o tiro ao alvo, duelo com espadas, florete, corrida, ginástica, natação e principalmente o andar a cavalo significavam equilíbrio e hombridade daqueles que praticavam tais modalidades esportivas. Conforme a autora destaca,

a discussão começou durante o Renascimento. Ser ou tornar-se um cavalheiro não era somente um simples caso de riqueza ou de sangue. Envolveva complexas considerações sobre o estilo de vida e a representação social que, desde a idade moderna, configuravam a identidade de determinados grupos sociais. Tratava-se menos de posses e mais de se ter acesso aos meios que permitissem a apresentação da correta imagem social. E as atividades físicas faziam parte do amplo catálogo das consideradas boas maneiras (PRIORE, 2009, p. 13).

Esse pensamento do século XVI na Europa demonstra a importância das atividades físicas tanto no aspecto moral quanto no aspecto da saúde corporal e mental. Essa intensa preocupação com o corpo era vista pelos europeus como uma forma de se distinguir dos demais povos e uma forma de se entenderem como

civilizados e diferenciados no melhor sentido da palavra, com isso a autora aponta que o

mais importante é que, [...] a civilidade expressava um caráter límpido. O corpo e seu potencial refletiam qualidades morais como a honestidade ou equilíbrio. Boas maneiras e capacidade para exercitar-se eram sinônimo de boa disposição mental. Em suma, o corpo era um texto e que boas ou más intenções podiam ser escritas (PRIORE, 2009, p. 14).

Podemos perceber que esse pensamento eurocêntrico servia como uma espécie de divisor entre aqueles que dominavam artes como o adestramento, esgrima e tiro ao alvo por exemplo daquelas pessoas que não dominavam tais práticas esportivas ou corporais. Assim, aqueles que mantinham tais costumes eram considerados “cavalheiros ou civilizados” e as pessoas que não possuíam tais hábitos ou costumes seriam os “selvagens” pois não sabiam se portar, sendo considerados como animais. Isso demonstra uma tentativa por parte de uma elite de dividir e legitimar a sua dominação através também dos *sports*. Segundo a autora,

um certo adestramento ajudou a consolidar a imagem que, por séculos, a Europa usou para se diferenciar dos bárbaros. A selvageria das comunidades nas Américas, por exemplo, tornava-se mais evidente quando comparada a civilidade europeia. Selvagens não sabiam portar-se a mesa ou esgrimir. Eram considerados quase animais, entre outras razões, por não controlarem seu corpo (PRIORE, 2009, p. 14).

Outra forma da aristocracia europeia de mostrar civilidade e superioridade através das atividades físicas, eram as cavalhadas em que os praticantes do alto do cavalo viam os outros de cima como uma forma de superioridade. Tais jogos de cavaleiro tomaram força já na segunda metade do século XIX na forma de equitação em que serviam para trabalhar, como para transporte ou por mera diversão. Porém, cabe destacar que as cavalhadas também eram vistas como sinal de presença e de bom comportamento e distinção do cavaleiro.

Já Pierre Bourdieu (2003) coloca uma visão sociológica sobre os esportes, destacando que esporte é algo que considera como um “conjunto das práticas e dos consumos desportivos oferecidos aos agentes sociais” (2003, p. 181). Nesse sentido, esportes como futebol, natação, atletismo, etc..., são uma espécie de “oferta destinada a encontrar uma certa procura social” (BOURDIEU, 2003, p. 181).

Nessa linha de pensamento, os esportes sempre serviram aos homens em qualquer tempo. Na antiguidade, era visto como sinal de bravura e heroísmo, já na

modernidade era utilizado como uma válvula de escape e, segundo Norbert Elias, de prazer e excitação. Segundo Pierre Bourdieu (2003), o esporte na atualidade seria a oportunidade de levar um produto desportivo que visa alcançar determinadas classes diferentes da sociedade.

Para Melo (2009), a prática esportiva é um advento moderno, porém vemos eventos semelhantes em outros vários momentos da história da humanidade. Segundo o autor, a origem dos esportes como conhecemos tem início na Inglaterra do século XVIII, porém teve uma boa aceitação na Europa e se espalhou primeiro para a França e depois atravessou o oceano e chegou aos Estados Unidos da América. Cabe aqui frisar, que os esportes tiveram uma ampla difusão após a chamada segunda revolução industrial em que os países procuravam novos parceiros comerciais.

No Brasil, os esportes foram trazidos pelos Europeus durante o século XIX e tinham uma variedade notável como, por exemplo, os pioneiros turfe e remo. Porém, além desses dois esportes mencionados, outras práticas esportivas ainda viriam depois e demorariam para tomar maior notoriedade como as corridas que são precursoras das atuais modalidades conhecidas como o ciclismo e o atletismo. Melo (2009) destaca que

o esporte começa a se organizar no Brasil nos anos finais da metade do século XIX, com a criação do primeiro clube de turfe (clube de corridas, 1849), embora já tenham sido organizadas algumas iniciativas esporádicas e o termo já estivesse em certa medida incorporado à linguagem de algumas cidades, notadamente perceptível nos periódicos da capital, o Rio de Janeiro (MELO, 2009, p. 62-63).

Porém, antes do *sport* chegar em terras brasileiras no final do século XVIII, o país era influenciado culturalmente pelos europeus, o que facilitou o interesse pelos *sports* vindos da Europa. Uma dessas manifestações eram as touradas que eram realizadas em festas promovidas por representantes da corte portuguesa que viviam no Rio de Janeiro. Apesar da violência desse *sport*, quem assistia, não reclamava, pois, as pessoas queriam essa emoção e adrenalina que causava o esporte, conforme Melo (2009). Após 1820, o Brasil viu surgir uma outra paixão que eram as corridas de cavalos e mais tarde o surgimento do turfe:

o turfe não significava uma ruptura com os hábitos da sociedade [...] era mais acessível, mais de acordo com os costumes da cidade, assistir as corridas nas quais os jóqueis se apresentavam bem vestidos, em ambientes onde os

membros da elite, de origem principalmente rural, podiam exercitar o seu sentimento de distinção, com suas belas vestimentas, a exemplo do que já acontecia na Inglaterra e na França (MELO, 2009, p. 51).

Para Elias (1992) os esportes são praticamente iguais e surgiram na Inglaterra. Esses esportes foram se modificando com o passar dos anos e divulgados e praticados em vários lugares por todo o mundo principalmente na segunda metade do século XIX. Assim, as corridas de cavalos, lutas e outros esportes foram praticados em vários países. O autor cita alguns exemplos, a saber:

em 1883, fundou-se em Paris um clube de jóqueis. De facto, o tipo aristocrático ou de *society* dos passatempos que dominavam, com o sentido do termo *sport*, em Inglaterra, na primeira metade do século XIX, propagou-se a outros países, tendo sido adoptados pelas correspondentes *élites* sociais antes de os tipos mais populares, como o futebol, se desenvolverem com as características de um *sport* (ELIAS, 1992, p. 189).

Com base nessas considerações, fica de fácil entendimento o fato de que os esportes e as atividades físicas eram um importante mecanismo para além da diversão pessoal e para o melhoramento da saúde física e mental do indivíduo. A partir da modernidade os esportes passaram a ser utilizados como um movimento. A elite se apropriava como única detentora e legítima do privilégio de praticar os esportes, pois era a classe dominante, os cavalheiros e civilizados.

Durante esse breve capítulo tentei descrever a origem dos esportes e as mudanças sofridas no decorrer dos séculos desde a antiguidade até a modernidade, tratando de diversos aspectos, como a violência e também o prazer que causava e ainda causa nas pessoas. Na sequência explico sobre a História do futebol.

Capítulo II: História do futebol

Neste segundo capítulo, apresentarei a história do futebol, a partir de seu surgimento, como era praticado e por quem era praticado, bem como o surgimento das primeiras regras e das disputas dos primeiros jogos e formação das primeiras ligas e federações. Além disso, mostrarei como e pelas mãos de quem esse esporte chegou ao Brasil e como se tornou uma verdadeira paixão nacional e ainda se tornou o esporte mais assistido e mais praticado em território brasileiro.

Segundo Franzini (2009), a bola sempre esteve presente nas mais distintas civilizações desde a antiguidade, como por exemplo: chineses, egípcios, romanos, gregos, bretões, astecas, guaranis, etc... Todos esses povos se utilizavam da bola para a prática de jogos, diversões ou até mesmo rituais. Cabe salientar que essas disputas, embora precursoras do futebol, pouco tinham a ver com o esporte conhecido como futebol praticado em todo o mundo nos dias atuais.

Sabe-se que foi durante o século XIX que, através dos ingleses, esse esporte passou a ter regras e, o que era apenas um jogo, tornou-se finalmente um esporte que atualmente é muito popular e possui regras comuns em qualquer país em que é disputado. Franzini (2009) destaca que

foi no decorrer do século XIX que os ingleses começaram a normatizar sua velha prática das disputas por um objeto redondo, às vezes ovalado, disputas essas cujas raízes remontavam a idade média e, aquela altura, eram muito difundida em suas escolas e universidades. Em outras palavras, nesse século começaram a transformar o que era jogo em esporte, submetido tanto a regras universais e bem definidas quanto a uma estrutura organizacional responsável por zelar pelo seu cumprimento e administrar as competições entre as equipes (FRANZINI, 2009, p. 107).

Porém, nem sempre o futebol foi um esporte disputado por quem quisesse, independente de etnia e classe social como é atualmente. Segundo Franzini (2009, p. 107) “esse processo, porém, não foi nada natural, muito menos simples”. Primeiramente, foi necessário regulamentar o que seria feito com a bola, se ela seria carregada pelos jogadores com as mãos ou se ela seria conduzida com os pés, onde a bola era levada ou conduzida com as mãos através de passes e a outra forma seria conduzir a bola até a meta ou gol adversário com os pés. O autor salienta que

dessas duas maneiras distintas de lidar com o elemento central do jogo nasceram, em primeiro, o *rugby* em 1846, ano em que a instituição de mesmo nome estabeleceu seu conjunto de regras, mais tarde consagrado com a criação da *Rugby Football Union*, em 1871; depois, em 1863, o *Association*

Football, fruto de um acordo entre doze clubes, que passaram, a partir de então, a se submeter a regras comuns e a uma entidade dirigente maior, a *Football Association* (F.A.) (FRANZINI, 2009, p. 108).

A partir daí regras foram impostas definindo, vários itens de suma importância para a prática esportiva, como o tamanho do campo de disputa de jogos, número de jogadores em campo e ainda a importância de criar a ideia de colocar um juiz para decidir sobre as regras ou para colocá-las em prática durante as partidas.

Nesse sentido, segundo Franzini (2009), o *rugby* e o *football* tomaram caminhos opostos na Inglaterra: com o *rugby* sendo o esporte praticado, em sua maioria, pelas camadas mais ricas da sociedade inglesa enquanto o *football* era praticado pelas camadas mais pobres da sociedade contando com participantes que eram principalmente operários.

O autor destaca que essa novidade promovida pela *Football Association* (F.A.) atravessou o oceano atlântico e chegou ao Brasil através de marinheiros ingleses que, devido às inúmeras viagens às costas brasileiras, praticavam o futebol quando atracavam os seus navios por aqui. Assim, dava início ao esporte que traz tanto fascínio e causa tanta paixão a maioria do povo brasileiro.

Porém, o esporte como conhecemos, teria uma maior difusão em todo o território do Brasil, pois alguns brasileiros que frequentavam escolas na Inglaterra trouxeram o futebol para o nosso país. Franzini (2009) destaca alguns exemplos:

o paulista Charles Willian Miller foi um deles: em 1894, após passar dez anos estudando na Inglaterra, país natal de seus pais, voltou a São Paulo munido de um livro de regras do *Association Football*, duas bolas para a sua prática, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, uma camisa do time do *Banister Court School* e outra do *Saint's mary's Football Club*, ambos de Southampton, pelos quais se destacara como atacante. Outro foi o carioca Oscar Cox, que conhecera o futebol durante seus estudos no *Collège de La Ville*, em lausanne, na Suíça, e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola em sua bagagem. Poucos anos depois, em 1901, salvador registraria a chegada de outro jovem com uma bola, Zuza Ferreira, vindo de terras britânicas. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, um ex-estudante da *Hooton Lown School*, na mesma Inglaterra, começaria a divulgar o futebol em Recife (FRANZINI, 2009, p. 113).

Estes exemplos acima citados são apenas uma mostra de que não foi um evento de origem única ou isolada que marcou o início da prática do futebol no Brasil, muito pelo contrário, várias pessoas, em vários anos e lugares diferentes, praticavam esse esporte que hoje move multidões aos estádios de futebol por todo o país.

Esse esporte que atualmente é tão popular e praticado por indivíduos de todas as classes sociais promovia muita exclusão na virada do século XIX e no início do XX,

as camadas sociais mais pobres buscavam praticar o futebol, pois o apreciavam muito. Porém,

a partir de fins da década de 1900, os introdutores do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro assumiram-se também como representantes oficiais do jogo, legítimos detentores tanto do direito de praticá-lo quanto do direito de organizá-lo e regulamentá-lo, o que passaram a fazer por meio das ligas que reuniam os principais clubes em ambas as cidades.

Daí por diante, foram várias as medidas por elas adotadas no sentido de filtrar, ou impedir, o acesso de jogadores e equipes de origem popular aos campeonatos disputados pelos quadros da elite, como o Fluminense ou o Paulistano. Para citar apenas um exemplo, por demais eloquente, em maio de 1907 a Liga Metropolitana de *Sports* Atléticos, na capital federal, enviou a seus associados de fino trato um comunicado em que informava que sua diretoria resolvera “por unanimidade de votos que não serão registrados *como amadores nesta liga as pessoas de cor*” (apud Pereira, 2000, p. 66) (FRANZINI, 2009, p. 122).

Esse excerto demonstra o poder da elite naquela época e ainda, segundo o autor, demonstra o medo da classe mais abastada de que o esporte se popularizasse entre as classes mais pobres da sociedade. Porém, esse esforço de não deixar pessoas pobres e negros participarem dos primeiros jogos oficiais de federações se revelou insuficiente, pois o apelo por esta modalidade era extremamente forte. Sendo assim, “em meados da década de 1910, o futebol, institucionalizado ou não, fazia-se presente em praticamente todo o país, apropriado tanto pelas elites quanto pelo povo, estivessem eles próximos ou distantes” (FRANZINI, 2009, p. 125).

Nesse sentido, sem que as disputas ocorressem em um âmbito unificado em todo o país, viu-se a necessidade de promover uma união entre os estados nacional com o objetivo de unificar as variadas ligas ao redor do Brasil em prol do futebol. Com isso, surgiu em 1915 no Rio de Janeiro, a CBD – Confederação Brasileira de Desportos para enfim possuir uma entidade máxima nacional a fim de representar o Brasil internacionalmente junto à entidade máxima do futebol mundial: a FIFA – *Federação Internacional de Football Association*, que teve sua fundação no ano de 1904.

Segundo Oliveira (2012), quando o futebol chegou ao Brasil, passava por intensas transformações, pois deixava de ser um país escravocrata e monárquico. Assim, uma grande parte da população que vivia nas cidades era de libertos que migavam do campo para a zona urbana. Com isso, o futebol se tornaria uma “epidemia” que se tornou corriqueira nos espaços públicos das cidades do Brasil. Apesar da popularização do futebol nas camadas mais pobres da sociedade, a elite tentava incessantemente se apropriar do novo esporte, o futebol como única e legítima

detentora dos direitos de prática do esporte. Com base nisso, Franco Junior destaca que

colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e conseqüentemente afastamento dos demais setores sociais (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 62-63).

Esse contexto de apropriação do esporte era uma estratégia da elite dominante como uma poderosa representação de valores sociais, enquanto a aristocracia brasileira branca praticava o futebol em clubes refinados e com toda infraestrutura própria para sua prática, os pobres faziam sobreviver a prática do futebol sem nenhuma estrutura, porém com uma vontade imensa de manter viva a chama do futebol, que desde a sua chegada no Brasil fascinou a quem aqui vivia, tanto ricos quanto pobres.

Para Rinaldi (2000), o futebol é, desde que apareceu no Brasil, um elemento fundamental para a cultura e sempre esteve presente na forma de organização da sociedade, como por exemplo, outros eventos da cultura popular como o carnaval, as artes, a música, etc. O jogo de futebol era uma espécie de lugar onde a sociedade expressava-se, manifestava-se e se compreendia a estabelecer uma relação. Dito isso, “o futebol praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico entre tantos outros, pelo que a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DA MATTA, 1982, p. 21).

Apesar do futebol ser um esporte que nos dias atuais mobiliza todas as classes sociais, nem sempre foi assim: no Brasil enquanto o esporte se popularizava, o país passava por grandes transformações sociais que causavam muita tensão em território nacional, pois no final do século XIX, o Brasil vivia enfim a abolição da escravidão, porém não o fim da discriminação racial em uma sociedade que amplamente valorizava o status social. Além disso, o Brasil vivia um período de modernização com os primeiros anos da república. Com isso, a sociedade estava em ebulição devido às grandes transformações e o futebol era outro elemento que evidenciava as disputas sociais e a influência das classes mais ricas.

Segundo Santos (2009),

a modernidade que chegou ao Brasil, em especial ao Rio de Janeiro, foi envolvida pelo discurso da inclusão e da inovação. Enquanto a inovação se tornou efetiva, a partir dos avanços dos transportes, da energia elétrica, da

urbanização e do princípio da industrialização, a inclusão foi pífia. A verdade é que o cidadão pleno, ou seja, aqueles que desde o período anterior já dispunha do aparato do Estado a seu favor, continuava contemplado com o advento da República. No entanto, aqueles que estavam à margem desse mesmo Estado, a maioria da população, continuavam vivendo no ostracismo social (SANTOS, 2009, p. 181).

Nesse sentido, em meio a tamanha evolução tecnológica, infelizmente a sociedade dominante brasileira, ou seja, a elite, não se preocupou em integrar os negros que enfim tinham ganho a liberdade, os deixou jogados a própria sorte, e além disso, impunha inúmeras restrições para que a população negra praticasse o futebol.

Ainda segundo Santos (2009),

a ausência de leis que protegessem as camadas populares e o domínio da máquina administrativa proporcionavam as esferas dominantes da sociedade uma aparente tranquilidade. Em pouco tempo, a promessa da igualdade e da cidadania, vislumbrada com o evento da modernidade, tornou-se um problema a ser resolvido. A final, as camadas populares ansiavam em se tornarem modernas e, sobretudo, cidadãos plenos. Fundamentalmente marcadas por negros, as camadas populares passaram a ser o grande contraponto da modernidade. Um importante foco de tensão se deu a partir do entendimento de que o futebol, assim como outras esferas do cenário moderno, não deveria ser praticado por aqueles que não compartilhassem do *ethos* da modernidade. Este, peremptoriamente, definido pelas camadas dirigentes (SANTOS, 2009, p. 181).

Nesse contexto, fica evidente que o futebol se tornava mais uma fonte de exclusão social, porque se apresentar como um jogador de futebol no final do século XIX e início do século XX se tornava sinônimo de sucesso e, segundo Santos (2009), surgiu um termo denominado *sportmen* que significava bons valores nessa sociedade moderna. Com isso, ser jogador ou *sportmen* significava ser um homem importante naquela sociedade e aos homens negros, então não seria permitido que alcançassem esses status social. Nessa linha de pensamento, Santos (2009) destaca que

a questão moral se tornou ponto-chave para a inserção no cenário esportivo. A todo o momento era firmada pela imprensa uma associação direta entre moralidade e esportistas. O problema, neste caso, era que o nível moral também se associava a outros aspectos definidores, como cor de pele e condição econômica, para a inclusão de novos atletas (SANTOS, 2009, p. 186).

Assim era a sociedade brasileira na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, em que a pessoa era tratada pela cor da pele e por sua condição social. Com isso, nota-se que a abolição da escravidão mudou muito pouco a vida dos agora ex-escravizados, pois a elite além de não dar suporte para a população negra se

integrar a sociedade ainda impunha inúmeras barreiras como o exemplo de não poder praticar esportes, principalmente o futebol, que desde o princípio encantou a população brasileira.

Os mecanismos utilizados pela elite dominante ao Brasil nos primeiros anos do século XX com o objetivo de evitar que o futebol se difundisse até as classes mais pobres, não durou muito tempo, pois se as agremiações que surgiram no país proibiam homens negros de jogar em seus times, logo seriam fundadas mais agremiações e algumas permitiriam que qualquer cidadão poderia jogar, e isso acabaria enfraquecendo a elite e tornaria o futebol difundido em todo o país e praticado por uma grande massa da população.

Assim, essa população discriminada e menos favorecida pelo estado, passava desde então, através de algumas agremiações, a poder disputar partidas oficiais de futebol. Embora seguissem sendo imensamente discriminadas em todas as esferas da sociedade, durante as partidas talvez sentissem um pequeno gosto da liberdade que, mesmo mais de uma década após a abolição da escravidão, os ex-escravizados na verdade não estavam de fato libertos, pois o estado não forneceu, após 1889, nenhum tipo de política que fosse capaz de inserir agora o liberto na sociedade, os deixando à própria sorte, abandonados em uma sociedade que estava em profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Ainda assim os enxergavam como incapazes e inferiores a uma elite branca de descendentes de europeus que dominavam o Brasil nos primeiros anos do século XX.

Cabe aqui salientar que, nesse período, o futebol, alguns times e federações estavam dando os primeiros passos no Brasil em um tempo em que a sociedade era impregnada de discriminação racial. Santos (2009) destaca que

do ponto de vista político e social, não há dúvidas de que a posição dos negros era extremamente difícil nos primeiros anos republicanos. Recém libertos, em busca de uma possível cidadania, os problemas e limitações eram inúmeros. A renda, o analfabetismo e fundamentalmente a cor da pele eram impedimentos peremptórios à inserção plena do negro na república. Os primeiros anos pós-abolição foram decisivos para a população negra. Tal fato se deu porque, com a abolição e com a República, o sentimento de que a vida dos homens e mulheres “de cor” ia mudar gerou uma grande euforia. O problema é que esqueceram de contar que o caminho seria árduo e repleto de obstáculos (SANTOS, 2009, p. 197-198).

É importante destacar que a elite no Brasil não media esforços para manter a exclusão das camadas mais pobres, ou seja, de manter os pobres, os negros longe do futebol. Segundo Santos (2009), nos vinte primeiros anos desde a virada do século

XIX para o XX as classes dominantes se utilizaram de inúmeros artifícios para não deixar as camadas mais pobres da população participarem do processo de modernização que vivia o Brasil.

A maioria dos clubes estudados por Santos se utilizavam de um artifício para barrar negros e pobres de fazerem parte de suas agremiações sem fazer menção à cor da pele, mandavam o nome das pessoas a aprovação de um conselho e, assim, não eram aceitas pessoas pobres e de cor, porém, isso não era mencionado, mas fica claro o que fazia uma pessoa ser aceita ou não para jogar em um clube de futebol: a condição social. Santos (2009) ainda destaca que

os grupos dirigentes e as camadas populares dialogaram, intensamente, cada um ao seu modo, no processo de formação, desenvolvimento e consolidação do futebol no Brasil. Malgrado o diálogo, vale ressaltar que ele não ocorreu de forma simétrica. As relações entre esses dois grupos foi desigual. Um dos grupos era formado pelos estabelecidos. Aqueles que detinham o poder econômico e, principalmente, pretendiam determinar quais seriam as práticas e valores aceitáveis para a época, o outro grupo era formado [...] por camadas populares. Desprovidos do poder econômico e, em larga escala marcado pela cor (essencialmente negra), tinham seus aspectos diacríticos e peculiares marcados pela imprensa e pelos grupos que se colocavam como modelo, criticados, subjugados e, várias vezes, perseguidos (SANTOS, 2009, p. 208-209).

Com isso, fica claro que a consolidação desse esporte que causa tanta paixão e emoção não foi fácil. Era necessário difundi-lo em todo o país, porém uma minoria se considerava principal representante da modalidade e se utilizava de poderes da classe dominante, se utilizava de artimanhas terríveis para manter a manutenção do futebol em suas mãos, segregando e excluindo as classes populares.

Segundo Mazo, Pereira, da Silva (2013), na cidade de Porto Alegre nos primeiros anos da chegada do futebol no Brasil, haviam clubes que praticavam variados esportes. Porém, segundo Ramos (2000), o futebol chegou aos moradores de Porto Alegre graças ao Sport Clube Rio Grande que surgiu em 1900 na cidade de Rio Grande. Cabe salientar que, segundo Alves (1984), em Pelotas existem também registros de clubes de futebol a partir de 1906.

Esta crescente prática do futebol no Rio Grande do Sul fazia com que fosse necessária a criação de uma federação que organizasse um campeonato ao qual todos os clubes recém-formados pudessem participar. Segundo Ribeiro (2011), em 1918, surgiu a Federação Rio Grandense de Desportos (FRGD) que tinha como sede a cidade de Porto Alegre.

Já foi explicado anteriormente neste trabalho que o futebol chegou ao Brasil através de Charles Miller e que sua ideia foi criada pelos Ingleses, mas apesar dessa forte influência, Jesus (2001) destaca que foram os alemães que viviam na cidade de Rio Grande que criaram o primeiro clube de futebol que se tem registro no Brasil, denominado Sport Clube Rio Grande no ano 1900. Sendo assim,

Quando essa associação visitou Porto Alegre, estes apresentaram o futebol a capital rio-grandense. Os clubes da elite teuto-brasileira, Germânia de Porto Alegre e Germânia de Rio Grande, foram os organizadores dessa visita que propiciou ao clube de Rio Grande a demonstração do esporte futebol para a sociedade Porto Alegrense em setembro de 1903 (JESUS, 2001).

No mesmo ano de 1903, em Porto Alegre, foi fundado o Grêmio Football Porto Alegrense que, segundo Jesus (2001), possui matriz alemã e foi fundado por 31 comerciários que eram pertencentes a uma elite racista que não permitia que cidadãos negros participassem dessa equipe. Isso fez com que, em Porto Alegre, o novo esporte chamado de futebol acabasse sendo um esporte exclusivo da elite.

Ainda segundo Jesus (2001), esse momento em que o futebol era um esporte de elite incomodava as camadas médias da sociedade Porto Alegrense. Isso fez com que outros clubes fossem criados. Um deles, foi o Sport Club Internacional, criado em 1909 com o intuito de desafiar os clubes da elite. Surge assim a maior rivalidade futebolística do Rio Grande do Sul, que perdura até os dias atuais. O autor destaca que

O Internacional, como o próprio nome sugere, adota uma postura pluriétnica e cosmopolita, abrindo espaço para as classes médias e indivíduos pertencentes ao segmento luso-brasileiro. Posição esta, oposta ao caráter adotado por associações futebolísticas já existentes na cidade, que restringiam suas atividades às elites da capital rio grandense (JESUS, 2001).

Contudo, mesmo diante de todas as adversidades impostas pela classe dominante, o futebol obteve vitória e proporcionou visibilidade às pessoas que eram excluídas e, assim, as classes populares, com muita sagacidade e inteligência, obtiveram um grande e valioso resultado na sociedade, tudo graças ao futebol. Para Pierre Bourdieu (2003),

o campo das práticas desportivas é lugar de lutas que tem, entre outras coisas, por parada em jogo o monopólio da imposição, da definição legitimada prática desportiva e da função legítima da actividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra desporto-espetáculo,

desporto distinto - de elite - e desporto popular - de massa (BOURDIEU, 2003, p.189).

Fica explícito dessa forma que os esportes eram utilizados como campo de batalhas entre as classes sociais, em que as elites buscavam meios de se manter como únicos detentores de determinadas modalidades, não medindo esforços para se manter como os legítimos inventores e praticantes das modalidades esportivas, e para isso se utilizam de mecanismos, muitas vezes ou na maioria das vezes, que restringiam a participação das classes populares.

Na sequência, explano sobre o futebol de salão e futsal bem como a prática do futsal na cidade de Jaguarão.

Capítulo III: Futebol de salão, futsal e a prática do esporte na cidade de Jaguarão através da Taça Zona Sul de seleções

Neste terceiro capítulo abordo sobre a história do futebol de salão, tratando desde a sua origem, sua transição para o futsal e ainda sobre a história do futsal em Jaguarão e do torneio denominado Taça Zona Sul de futsal em suas primeiras cinco edições, nos anos de 1998, 1999, 2000, 2001 e 2002.

Segundo o site uruguaio da Federação Uruguaia de Futebol de Salão (FUDEFS)², que é a entidade principal na organização do futebol de salão no Uruguai nos dias atuais, consta que a ideia de futebol de salão surgiu no Uruguai, sob a criação do professor Juan Carlos Ceriani, mais precisamente no mês de outubro de 1930. O local de criação do esporte denominado futebol de salão foi a antiga associação cristã de jovens³ localizada na cidade de Montevideu, capital do Uruguai.

Porém, há outra versão sobre o surgimento do futebol de salão: no site oficial da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS)⁴ o país criador do futebol de salão foi o Brasil, nos anos de 1940 e era praticado na cidade de São Paulo por jovens da associação cristã de moços.

O futebol de salão foi criado pois para a prática do esporte era necessário pouco espaço. Se formos comparar as dimensões oficiais de um campo do futebol de onze, fica clara a diferença, pois nas dimensões de um campo de futebol, caberia três quadras de futebol de salão.

Apesar das duas versões, a mais aceita é a do surgimento do futebol de salão no Uruguai em 1930 através do professor Ceriani, devido a vontade dos alunos e a inspiração que causou a seleção uruguaia de futebol que havia ganho medalhas de ouro nas olimpíadas de 1924 em Paris, na França e em 1928, em Amsterdã, na Holanda.

² Disponível em: <www.fudefs.com/> Acesso em out. de 2017.

³ Uma mudança radical nos hábitos e costumes de uma geração, acostumada à tranqüilidade do campo e tendo que migrar para a cidade grande para jornadas de trabalho diárias de até 14 horas com o surgimento da Revolução Industrial (1750-1850), foi a inspiração de George Williams para a criação da Young Men's Christian Association ou YMCA, na Inglaterra. Esta instituição surgiu em 6 de junho de 1844, marcada pela leitura de textos bíblicos. O objetivo era proporcionar aos jovens que se aglomeravam nas cidades em busca do trabalho, atividades saudáveis e motivadoras. A ACM se expandiu rapidamente. Apesar da origem inglesa, foi nos Estados Unidos que ela mais cresceu, unindo a prática esportiva ao objetivo inicial do seu fundador: o cultivo das virtudes do caráter e do espírito, da disciplina do corpo e, principalmente, do lado comunitário e humano. (HIDAKA; SEGUI, s.d.)

⁴ Disponível em: <www.cbfs.com.br/> Acesso em 20 de out. de 2017.

Com essa inspiração as pessoas buscaram praticar um esporte em que se utiliza um ginásio, uma bola e os pés para ser praticado, e ainda era uma agradável opção para quem não gostava de praticar os já existentes, vôlei e basquete, que eram esportes jogados com a mão.

O criador dessa nova modalidade professor Juan Carlos Ceriani se utilizou da essência do futebol e de regras presentes em outros esportes para redigir as primeiras regras do futebol de salão escritas em seis páginas com onze artigos, com isso surgia o futebol de salão.

Em 1976, Ceriani era oficialmente reconhecido como o criador do futebol de salão: “Así se expresaba el señor Juan Carlos Ceriani refiriéndose al homenaje que se le tributara en aquella entidad, entregándole una placa, en nombre de la prensa nacional, como creador, hace 46 años del futbol de salón” (EL DÍA, 1976). Esse reconhecimento só viria a acontecer em 1982, no Brasil:

o Futebol de Salão nasceu no Uruguai, em 1930, embora as regras oficiais mundialmente reconhecidas para a sua execução, tenham sido elaboradas e publicadas por um grupo de trabalho da Associação Cristã de Moços (ACM), em 1949, aqui no Brasil. Na realidade, porém, o “pai da matéria” é Juan Carlos Ceriani” [...] Durante três anos (1930 a 1933), colocou em prática as primeiras regras, por ele elaboradas, e repassou-as a seus alunos, muitos deles provenientes de países estrangeiros (DIÁRIO POPULAR, 1982).

Segundo Vicari (2015), o futebol de salão que surgiu em 1930 no Uruguai é a modalidade precursora do futsal atual praticado em vários países, inclusive no Brasil. Há diferenças nos dois esportes: o futebol de salão e o futsal. O primeiro ainda é disputado em alguns países do mundo - a maioria de forma amadora; o segundo é um esporte profissional disputado em diversos países de todos os continentes.

Além disso, há duas federações mundiais distintas e opostas: o futebol de salão foi regido pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) até 2002, quando foi extinta e criada a Associação Mundial de Futsal (AMF). Apesar de conter o nome futsal, essa associação rege o antigo futebol de salão, em que a bola possui uma circunferência menor e é mais pesada do que a bola do futsal. Além disso, há outras diferenças notáveis nas modalidades: no futebol de salão para que as substituições de jogadores ocorram é necessário que o jogo pare, os tiros de lateral e fundo de quadra são executados com as mãos, além disso, é permitido um maior contato físico do que no futsal, não se preocupando com a integridade física dos jogadores.

Desde 1989, o futsal já era dirigido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), quando realizou o primeiro campeonato mundial. No início da década de 1990, o futsal, que é o esporte que se originou do futebol de salão, promoveu uma gama de mudanças de regras. As regras do futsal-FIFA estão sempre em constante evolução, ao contrário do antigo futebol de salão que permanece estagnado e com isso vem perdendo adeptos. Essa constante evolução torna o futsal um jogo mais dinâmico que o futebol de salão e que trata de preservar a integridade física de seus praticantes.

Quanto às regras que tornam o jogo mais dinâmico posso citar a troca de jogadores que é feita sem a necessidade de paralisar a partida. Além disso, os escanteios e tiros laterais são cobrados com o pé, isso faz com que a bola fique mais tempo no chão evitando os perigosos choques de cabeça entre os jogadores. Outra medida que diferencia as duas modalidades é que no futsal-FIFA, a jogada denominada “carrinho” é punida com falta, tornando o jogo mais atrativo ao público, mais rápido e mais bonito pois privilegia os jogadores mais habilidosos e pune os mais violentos, preservando o físico dos atletas.

Vicari (2015) prova o crescimento e aceitação do futsal quando traz dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que mostra o futsal, em estudo realizado em 2006, como a segunda modalidade esportiva com mais eventos promovidos em nosso país e cita que o esporte denominado futsal-FIFA, embora sendo um esporte relativamente novo, possui cerca de dez milhões de praticantes em nosso território. Salles e Moura (s.d.) destacam que

tornou-se corrente o conhecimento de que hoje a modalidade é praticada em mais de 120 países nos cinco continentes, o que credencia o futsal a preitear um espaço na programação dos Jogos Olímpicos e nos Jogos Pan Americanos. Devido ao fato do Brasil sediar a próxima edição dos jogos Pan Americanos, que se realizará no Rio de Janeiro em 2007, presume-se que ocorrerá a inclusão do futsal. Os praticantes e simpatizantes do futsal brasileiro esperam ansiosos, pois devido aos expressivos resultados em competições internacionais, o Brasil seria favorito na luta por medalhas. A CBFS tem representação em todos os estados brasileiros onde se estima haver cerca de 267.000 atletas registrados (107.881 em SP, sendo 5.000 mulheres), 3.000 equipes/clubes (580 em SP), 1.000 jogadores profissionais (além de 283 atuando no exterior) e 10,5 milhões de praticantes (dados de 2003). Além disso, a FIFA informa que o futsal é o esporte mais praticado no Brasil (FIFA.com, 2003). A Confederação é responsável pela promoção anual de competições nacionais bem como pela seleção das equipes que participaram dos eventos internacionais, nos quais o Brasil tem uma efetiva participação em todas as categorias (SALLES; MOURA, s.d., p. 343)

Com o decorrer dos anos, após o futsal-FIFA se desvincular do futebol de salão, é possível observar uma franca evolução em todo o mundo. Enquanto isso, o futebol

de salão FIFUSA/AMF vem encolhendo consideravelmente. Uma prova disso são os campeonatos mundiais de seleções dessas duas modalidades em que no futebol de salão da AMF, como por exemplo o mundial disputado na última edição em 2015 por 16 países não houve nenhum tipo de torneio classificatório para o mundial, ou seja, o país que desejasse disputar o mundial estava garantido no certame, o que mostra a pouca procura pelo esporte em relação ao futsal-FIFA que possui eliminatórias em todos os continentes. Um exemplo é na América do Sul que na última eliminatória, tendo em vista a copa do mundo de futsal-FIFA na Colômbia em 2016, contou com 10 seleções para apenas três vagas pois a quarta vaga estava destinada à Colômbia, país anfitrião. Esse dado é apenas para demonstrar a grande procura pelo futsal-FIFA e podemos observar o imenso abismo que separa as duas modalidades, tanto no que tange ao número de praticantes quanto ao número de países que ainda praticam esses esportes, que embora pareçam iguais, são duas práticas completamente diferentes.

Para ilustrar ainda mais a diferença de visibilidade, popularidade e número de adeptos entre as duas modalidades, cito a quantidade de países onde são disputados o futebol de salão e o futsal. O primeiro, conforme o site oficial da AMF⁵ possui 30 países praticantes e que possuem federações, porém estou contando com a Cataluña que é uma região da Espanha e com o Brasil onde se disputa o futebol de salão em poucos lugares e de maneira totalmente amadora. Já o futsal, segundo o site oficial da FIFA⁶, possui 115 países praticantes e com federações com campeonatos nacionais anuais. Além disso, lista outros 45 países com federações filiadas à FIFA, porém, nesses lugares não se disputam campeonatos nacionais há pelo menos vinte e quatro meses.

Após ter deixado clara a diferença entre as duas modalidades, volto ao tema da criação do futebol de salão FIFUSA, antecessor do futsal-FIFA, e demonstro que apesar dessa modalidade ter sido criada no Uruguai na década de 1930 pelo professor Juan Carlos Ceriani, foi no Brasil que esse esporte se desenvolveu e ganhou maior notoriedade. Segundo o site oficial da CBFS, em 1954 foi criada a primeira federação estadual conhecida como Federação Metropolitana de Futebol de Salão, que atualmente é a Federação de Futebol de Salão do estado do Rio de Janeiro. O primeiro presidente foi o senhor Ammy de Moraes.

⁵ Disponível em: <www.amfutsal.com.py/> Acesso em 18 de out. de 2017.

⁶ Disponível em: <www.fifa.com/> Acesso em 12 de out. de 2017.

Após a criação dessa primeira federação, várias outras surgiram no decorrer dos anos. Em 1956, por exemplo, já havia federações em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia e Paraná. Assim, com o passar dos anos e a disseminação do esporte, até a década de 1990, todos os estados do Brasil já possuíam uma federação estadual de futebol de salão.

Quanto aos eventos mais importantes do futebol de salão mundial, segundo site oficial da CBFS, os campeonatos mundiais de seleções tiveram seu início em 1982, no Brasil, na cidade de São Paulo. Esse primeiro evento foi organizado pela FIFUSA e contou com a presença de onze países, entre eles: Brasil, Argentina, Costa Rica, Tchecoslováquia, Uruguai, Colômbia, Paraguai, Itália, México, Holanda e Japão. Nessa primeira edição, todos os países interessados disputaram a copa do mundo demonstrando que o esporte ainda não era muito popular, e mais que isso, no primeiro campeonato mundial não estavam representados todos os continentes do globo como nas edições atuais. Em 1982, o Brasil conquistou o título de campeão do mundo de futebol de salão após vencer o Paraguai na grande final por 1 gol a zero.

A segunda edição do mundial de seleções ou copa do mundo foi realizada em 1985 na Espanha, assim a copa desembarcava em terras europeias, porém o cenário mudou muito pouco pois o Brasil venceu novamente, só que desta vez o adversário foi a anfitriã Espanha, que sucumbiu para o Brasil na final da copa do mundo.

Três anos após a última edição realizada na Espanha, foi a vez da Austrália receber a copa do mundo de futebol de salão. Desta vez o Brasil conheceu o seu primeiro revés ao perder na final do campeonato para o Paraguai. O ano de 1988 seria o último ano de futebol de salão como esporte unificado e regido pela FIFUSA, pois a partir de 1989 passaria a ser comandado pela FIFA. Porém, cabe salientar, que não ocorreu em comum acordo essa ruptura, pois o futebol de salão seguiu existindo e organizando seus mundiais regido pela FIFUSA. A FIFA passou a promover as copas do mundo, chamou o novo esporte de futsal e mudou uma série de regras a fim de tornar o futsal um esporte mais dinâmico, seguro e atrativo ao público para poder vender melhor esse novo produto.

Não ocorreu acordo de unificar o futebol de salão e o futsal. Alguns países principalmente o Paraguai, o Uruguai e a Colômbia se mobilizaram para manter o futebol de salão ativo com as regras antigas tentando manter essa queda de braço contra a FIFA. Porém, o futebol de salão apesar de manter seus campeonatos, vem perdendo adeptos e, após os dois esportes terem tomado rumos diferentes após o

mundial de 1988, o futebol de salão promoveu os mundiais de 1991, 1994, 1997, 2000, 2003, 2007, 2011, 2015, até 2002 organizado pela FIFUSA e, a partir de 2003, organizado pela AMF. Já o futsal-FIFA promoveu mundiais com suas próprias regras em 1989, 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2012, 2016.

Dada essa breve introdução sobre a origem e criação do futebol de salão e após a transição para o futsal, nesse momento darei ênfase ao futsal na cidade de Jaguarão e a Taça Zona Sul de seleções de futsal nas suas primeiras cinco edições que ocorreram nos anos de 1998, 1999, 2000, 2001 e 2002 e contaram com a presença da seleção de Jaguarão.

Com a finalidade de contextualizar a presença do esporte na cidade de Jaguarão, contarei um pouco da trajetória de um importante clube de futebol de Jaguarão: o Navegantes Futebol Clube. O clube foi fundado em 18 de setembro de 1945 e, até os anos de 1980, competia no futebol de campo, apenas em caráter amador. A partir de 1980 até o ano de 1989, segundo Orcelli (2005), o futebol de salão do Navegantes F.C. foi criado e passou a ser o representante da cidade de Jaguarão no campeonato de futebol de salão profissional do Rio Grande do Sul, disputando em altíssimo nível técnico e tático, chegando a ser vice-campeão gaúcho em 1984 e campeão da taça farroupilha em 1985.

O blog do futsal jaguareense⁷, descreve a trajetória do Navegantes F.C., sendo representado pela seleção jaguareense desde 1980 na disputa do estadual de futebol de salão. Na estreia do Navegantes pelo estadual realizado aqui em Jaguarão, no ginásio Dario de Almeida Neves, popularmente conhecido como “Ferrujão”, o Navegantes brilhou no ginásio lotado e venceu por 6 gols a 1, com destaque para a atuação do então jogador Rudinei Escobar, o “Kainê”, autor de 4 gols nesse jogo de estreia. Nesse ano, 1980, o Navegantes não passou da primeira fase. Em seu grupo havia 8 equipes e 3 se classificavam para a segunda fase do campeonato estadual gaúcho de futebol de salão.

No ano seguinte, 1981, o Navegantes chegou a fase de semifinal do campeonato estadual de futebol de salão, que nesse ano foi vencido pelo Grêmio de footbaal porto alegre que possuía, além da equipe no futebol de campo, equipe no futebol de salão. Os outros dois semifinalistas nesse ano foram o 7 de setembro, de Alegrete e o Bossa Nova, de Rio Grande.

⁷ Disponível em: <<http://futsaljaguareense.blogspot.com.br/>> Acesso em 12 de set. de 2017.

Apesar das excelentes atuações do time no ano anterior, em 1982 o Navegantes não fez uma boa campanha no campeonato estadual de futsal e acabou sendo eliminado prematuramente da competição já na primeira fase do certame. Porém, o saldo foi extremamente positivo nesses primeiros anos de futebol de salão do time, pois somente por ter um time disputando um campeonato tão importante como o campeonato gaúcho de futsal, já era motivo de orgulho para a população da cidade de Jaguarão.

A participação do Navegantes foi entre os anos de 1980 até 1989 e os resultados foram considerados extremamente positivos. Porém, com o fim das atividades, em 1989 surgiu uma lacuna na vida dos apaixonados por futebol de salão de Jaguarão que só seria preenchida em 1998, já com a modalidade que foi derivada do futebol de salão, o futsal, em torneio que envolvia seleções de cidades que formavam a parte sul do estado do Rio Grande do Sul. Assim, surgia a Taça Zona Sul de seleções de futsal, organizada pelo senhor André Boa Nova, que trabalhava, na época, para a emissora de televisão chamada RBSTV/Pelotas.

O idealizador e organizador do campeonato descreve em seu blog⁸ que era utilizado para divulgar o evento e os resultados dos jogos, que o objetivo da taça era de trazer um evento de entretenimento para as populações das cidades da região sul do Rio Grande do Sul, em que a RBSTV/Pelotas iria promover em 1998 a primeira Taça Zona Sul de seleções de futsal, e o evento iria mobilizar vários municípios da região, graças à grande visibilidade e número de praticantes da modalidade, pois o futsal é um esporte que possui uma boa aceitação das pessoas. Com isso, os prefeitos de todas as cidades da região foram convidados para que enviassem representantes do futsal de suas respectivas cidades para comparecer ao salão nobre da RBSTV/Pelotas, a fim de dialogar sobre os acertos necessários para a participação das cidades no novo certame.

Ainda, segundo o blog do Boa Nova, o campeonato tinha por objetivo “integrar, através do esporte, os municípios da região de cobertura da RBSTV/ Pelotas. Neste aspecto, o nome da equipe é o próprio município, com objetivo de criar uma identificação entre a equipe e a comunidade/ torcedores”.

Assim, com a intenção de criar uma identidade entre cidade e população, surgiu a Taça Zona Sul que, em sua primeira edição, contou com a presença de onze cidades: Jaguarão, Arroio Grande, Cerrito, Pedro Osório, Capão do Leão, Pelotas,

⁸ Disponível em: <blogdoboanova.blogspot.com/> Acesso em 16 de out. de 2017.

Canguçu, São Lourenço do Sul, Piratini, Camaquã e Chuí. O campeão da primeira edição, no ano de 1998, foi a seleção de Camaquã, que eliminou Jaguarão nas semifinais e venceu São Lourenço do Sul na final em jogo transmitido pela RBSTV/pelotas para toda a região na tarde de 19 de dezembro de 1998, visando dar notoriedade à modalidade na região.

Sobre a relação entre identidade, manifestação cultural, sociedade e futebol cito o significado social do esporte segundo Rinaldi (2000) que destaca que

pode-se verificar que o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos expressam-se mutuamente, principalmente no que se refere à subjetividade das relações estabelecidas dentro do contexto de uma partida de futebol, as transgressões às regras, à ordem e à desordem, o envolvimento da torcida com seu time de coração, chorar ou se alegrar, brigar ou festejar (RINALDI, 2000, p. 171).

O excerto exposto acima trata sobre o futebol, porém cabe certamente para o futsal, uma vez que o esporte é uma derivação do próprio futebol. Essa emoção trazida pelo novo campeonato, parece ter conquistado a região e o sentimento em Jaguarão não era diferente, pois a expectativa relacionada ao futsal por partes dos torcedores estava apenas começando. Essa manifestação cultural promovida pelo futebol citada por Rinaldi foi vista igualmente no ginásio municipal de futsal em Jaguarão pelo menos desde os anos de 1980, primeiro com o Navegantes F.C., depois com a seleção jaguarense de futsal entre os anos de 1998 até 2012, em que disputou a Taça Zona Sul de futsal que levava milhares de pessoas a acompanharem os jogos. Para Rinaldi, “o futebol Brasileiro tem assumido um papel que vai além de uma simples modalidade esportiva, configurando-se como um fenômeno social” (RINALDI, 2000).

Além disso, quando se fala de futebol no Brasil, é necessário falar em talento ou futebol arte, e Jaguarão estava repleto de jogadores talentosos na prática do futsal, entre eles posso citar: Rudinei Escobar, também conhecido como “Kainê”, que jogou pelo Navegantes nos anos 80, defendeu a seleção de Jaguarão em 1998 e ainda, a partir de 1999, na 2ª edição da taça atuou como treinador conquistando os títulos de 1999 e 2001; Leonardo Nunes, o “Nardinho” que jogava na posição de pivô e marcava muitos gols; Nelson Moraes, jogador que possuía uma habilidade incrível com a bola; Cristiano Botelho, o “Tano” que era um jogador de passes muito precisos; outro expoente que argumento ser o melhor jogador de futsal que já vestiu a camisa da seleção de Jaguarão, foi Wilder Coelho. Além destes citados acima, não poderia

deixar de mencionar outros dois jogadores fantásticos que disputaram as cinco primeiras edições da taça e nos deixaram precocemente neste ano de 2017, que são o Edmundo Cordeiro e o Cristiano Rosa mais conhecido como “Pardal”, que deram muitas alegrias para o futsal de Jaguarão nas primeiras cinco edições da taça zona sul, conquistando além dos dois títulos de campeão, ainda obtiveram dois vice-campeonatos e um terceiro lugar. Eu poderia citar vários outros jogadores que vestiram a camisa de Jaguarão, porém estes servem para ilustrar o material humano especial que possuía a cidade na prática do futsal.

Gomes e Said destacam que “a identidade brasileira está intimamente ligada às manifestações culturais e sociais que permeiam o país, dentre essas manifestações o futebol é apresentado ao mundo como esporte de marca identitária da cultura brasileira” (GOMES; SAID, 2015, p. 1).

Cabe salientar que, para que a seleção jaguareense de futsal fosse tão competitiva e muito forte quando atuava como locatária, era necessária uma presença massiva de torcedores que sempre lotavam as dependências do ginásio municipal de esportes Dario de Almeida Neves fazendo pulsar de emoção o ambiente em cada partida disputada na cidade. Nessa linha de pensamento, Kowalski destaca que “o torcedor participa ativamente, incorpora lances, influencia nos resultados. Se o torcedor incorpora valores ele também os gera. Apresenta dimensões que os clubes e atletas devem para que continuem tendo a presença dos torcedores” (KOWALSKI, 2008, p. 4). Ainda cabe destacar que “o futebol mobiliza uma grande parcela da humanidade, não há como, simplesmente, negar a sua existência, pois, ele está em toda a parte, através das conversas diárias entre as pessoas, seja nas ruas, no trabalho, na escola ou no ambiente de lazer” (SOUZA et al., 2011, p. 9).

Essas ideias descritas acima sobre o futebol servem perfeitamente para ilustrar o cotidiano e o sentimento que o futsal causava e ainda causa em boa parte da população jaguareense. Para demonstrar melhor esse sentimento visto nas rodas de conversa, nas esquinas do centro da cidade, nos programas de rádio e nos jornais locais, cito a publicação do Jornal Meridional, que consta na edição do dia 22 de outubro de 1998:

novamente com o apoio da torcida, a seleção jaguareense de futsal, jogando no sábado à tarde no Ferrujão venceu a equipe do Chuí pelo placar de 4x2. A equipe jaguareense começou jogando com: Dani, Nairton, Kainê, Preto e Fabinho. Logo no início da partida os jaguareenses venciam o jogo por 2x0 com dois gols de Fabinho.- o primeiro gol em jogada individual, levou para a esquerda e chutou cruzado na esquerda do goleiro e o segundo, numa tabela

com seu irmão Preto, entrou pelo meio e bateu forte para o gol. Quando parecia ser um jogo fácil, a equipe do Chuí esboçou uma reação e, ainda na primeira etapa chegou ao empate com gols de Ligi e Feio. No retorno à segunda etapa, três jogadores titulares de Chuí, ficaram no banco com lesões. A seleção jaguarense teve para esta partida os reforços de Nairton que saiu jogando e mais Coelho e Tano que acabou sendo escalado pela pressão dos torcedores que não admitiam mais que o artilheiro do campeonato citadino estivesse fora da seleção. E, para o alívio destes torcedores, tano entrou e acabou marcando os dois gols que deram a vitória à seleção de Jaguarão e, com uma particularidade, em duas jogadas com o jogador Roger. Quando o placar já estava em 4x2 a equipe do Chuí desperdiçou um pênalti, com a defesa do goleiro Dani. A equipe do Chuí jogou com: Casca, Ligi, Feio, Karina, Nero, Belo, Rafic, Leco, Gilnei e Marcelo. Técnico: Idilberto Braga (Tonga). A arbitragem desta partida foi de Marcelo Carvalho e Ronaldo Lourenço, atuando como mesário, Paulo Passos, todos da FGF (Federação Gaúcha de Futsal) (JORNAL MERIDIONAL, 1998, p. 8).

Fica evidente nessa matéria do Jornal Meridional que a torcida formada por parte da população jaguarense se via representada pela seleção de futsal local e também demonstra a sua importância para o time, tanto que exercia pressão na comissão técnica de forma a forçar que novos atletas considerados bons jogadores fossem convocados para fazerem parte do selecionado ou para retirar os jogadores que o torcedor julgava que não estava jogando bem. Além disso, a torcida jaguarense via nos jogos, uma maneira de extravasar a emoção, sentindo um prazer enorme com as conquistas e um sabor amargo nas derrotas que causavam um sentimento de tristeza e inconformismo, demonstrando o sentimento de pertencimento que o time causava na comunidade de Jaguarão. Uma sensação parecida só que em menor escala da sensação vivida no Brasil em época de copa do mundo de futebol.

Meu argumento é que o futsal em Jaguarão se mostra um forte mecanismo de manifestação cultural e social, devido ao grande número de praticantes da modalidade na cidade. Para comprovar essa massiva prática do futsal, cito por Exemplo os JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul), em que a maioria das escolas da cidade de Jaguarão participam na modalidade futsal em categorias que englobam a faixa etária de 9 a 17 anos. Outro exemplo dessa grande participação são as escolinhas de futsal em Jaguarão, que atualmente conta com Tio Bené, Escolinha Galinho de Ouro (EGO), Andradas, Mauá, Pitoni, Cerro e Vila Kennedy. Antes disso, na década de 1990, contava ainda com Bola-Bola, Porto, Ansef, Ki- Bola, também numa faixa etária similar a dos jogos escolares.

Atualmente, o campeonato citadino de futsal, conta com uma presença total de 53 times divididos em: categorias de base, adulto masculino, feminino e veterano com um total de 1000 atletas participantes do certame Jaguarense. Para ilustrar a

participação do povo Jaguareense no que diz respeito ao futsal, cito a participação nos jogos das finais em 2016 em que um grande público marcou presença, lembrando os grandes tempos de Navegantes F.C., na década de 1980, e da Taça Zona Sul, a partir de 1998, quando no jogo semifinal decisivo entre Jaguarão e Camaquã a organização do evento estimou o público no ginásio Dario de Almeida Neves em 2000 pessoas.

Essa intensa prática do futsal, tanto de atletas quanto de torcedores, nos demonstra que o futsal é o esporte mais praticado e assistido em Jaguarão e devido a essa procura pelo esporte vivido tão intensamente pelos jaguarenses é causador de um amontoado de emoções como a alegria, a tristeza, a raiva, o amor, o ódio, etc... Isso faz com que essa modalidade deva ser entendida como uma manifestação cultural, pois movimenta a vida de muitas pessoas e ainda traz o sentimento chamado de busca pela excitação, conforme destaca Norbert Elias:

verificada na natureza do prazer e da excitação proporcionados por confrontos de jogos, na sequência da qual o prazer, demasiado breve, que se sentia no final de uma prova de desporto, no momento de consumação ou de vitória, foi alargado e prolongado pelo prazer e igual excitação derivados daquilo que inicialmente foi o prazer antecipado de participar ou de testemunhar a tensão do próprio desafio (ELIAS, 1992, p. 205).

A citação do autor acima serve para ilustrar o sentimento e a sensação que o futsal causa nas pessoas. Dito isso, é notório que o esporte se torna uma espécie de válvula de escape das emoções das pessoas.

Após a 1ª edição, vencida pela seleção de Camaquã, no ano seguinte em 1999, foi realizada a 2ª edição da Taça RBS Zona Sul de Futsal, que contou com a presença de treze municípios: Jaguarão, Camaquã, São Lourenço do Sul, Arroio Grande, Pedro Osório, Amaral Ferrador, Cristal, Cerrito, Canguçu, Chuí, Turuçu, Piratini e Santa Vitória do Palmar. Essa segunda edição teve início na noite de 15 de junho de 1999 e marcou uma reedição da final do campeonato no ano anterior entre as seleções de Camaquã, atual campeã e São Lourenço do Sul, atual vice-campeã, em que o resultado final foi um empate em 2 a 2 em partida realizada em Camaquã.

Para essa edição a seleção de Jaguarão se fortaleceu muito, principalmente na parte física, que foi comandada por Paulo Selau, que fez um excelente trabalho com os jogadores durante o ano de 1999. A campanha realizada pelo selecionado jaguareense em 19 jogos, foi de 13 vitórias, 2 empates e 4 derrotas. Nesse ano,

Jaguarão chegou a tão esperada final, e por ter conseguido a melhor pontuação do campeonato até então ganhou o direito de jogar o 1º jogo da decisão em Santa Vitória do Palmar e o último e decisivo jogo na cidade de Jaguarão.

Assim, após a vitória de Jaguarão no 1º jogo da final da Taça Zona Sul de Futsal, o Jornal A Folha de Jaguarão na edição do dia 19 de novembro de 1999 em matéria escrita pelo colunista esportivo conhecido como “Pelotense”, tinha como manchete: “2ª taça RBS de seleções: seleção de Jaguarão larga na frente na 1ª partida das finais”. E a matéria dizia o seguinte:

Neste dia 13/11/99, em Santa Vitória do Palmar, a seleção de Jaguarão deu um grande passo rumo a série bronze do futsal gaúcho para o ano 2000, ao vencer a seleção dona da casa pelo placar de 8x6. Na primeira etapa, o jogo foi bastante equilibrado, com o placar de 3x2 para Santa Vitória. Na segunda etapa, a seleção de Jaguarão voltou a quadra bem mais motivada e conseguiu empatar e, de virada, garantiu esta importante vitória e com mais uma vitória, no dia 20/11/99, em casa, garantirá o título de campeã da 2ª taça RBS de seleções. O treinador Kainê fez uma importante alteração, na primeira etapa, retirando o goleiro Dani e colocando, em seu lugar o jovem Alex Pitoni que, por sua impolgação [sic], motivou bastante seus companheiros. O treinador Kainê manteve um rodízio constante dos atletas na quadra, com a entrada de Edmundo e Tano, sua equipe ficou bem mais consistente. E desta maneira, a equipe de Jaguarão manteve um ritmo forte, até o final do jogo. A equipe de Jaguarão jogou e venceu com: Dani – Alex – Pardal – Nardinho – Preto – Leandro - Edmundo – Coelho – Nelson – Gagina – Tano – Nando (A FOLHA, 1999a, p. 20).

Ainda nessa mesma matéria do jornal, havia um lembrete, convocando a apaixonada torcida jaguareense para ir ao ginásio incentivar a seleção, todos sabiam da importância que tinha a torcida jaguareense:

2ª taça RBS de seleções. 2ª partida da final - Jaguarão rumo ao título. Neste sábado, o ginásio Ferrujão será palco da maior decisão de futsal da zona sul. Jaguarão x Sta Vitória. Torcedor jaguareense, vamos lotar o Ferrujão e incentivar do início ao fim nossa seleção (A FOLHA, 1999a, p. 20).

Enfim, chegou o tão esperado dia 20 de novembro de 1999 e Jaguarão recebeu Santa Vitória do Palmar no ginásio municipal de esportes Dario de Almeida Neves em uma noite que não cabia mais ninguém no Ferrujão. Na oportunidade, Jaguarão venceria o adversário pelo placar de 7 gols a 5 e pela primeira vez se sagrou campeão da taça zona sul de seleções de futsal. Cabe salientar que, pelo segundo ano consecutivo, Jaguarão era eleita a melhor torcida do campeonato, o que demonstra mais uma vez a paixão do povo jaguareense por sua seleção e pelo futsal e ainda a identificação que possuía com o time. Nesse ano de 1999, a proporção que o futsal

teve em nossa cidade foi impressionante, pois eu tive a oportunidade de acompanhar todos os jogos aqui na cidade e o ginásio sempre esteve com a capacidade máxima, que era entre 1600 a 2000 pessoas.

O Jornal A Folha de Jaguarão, no dia 26 de novembro de 1999, publicou a matéria que contou a história do jogo e parabenizava os campeões assim como o torcedor jaguareense, todos fundamentais para essa primeira conquista. Assim escreveu o colunista “Pelotense”:

Jaguarão é campeão da zona sul, parabéns campeões, torcedor Jaguareense você foi decisivo. Obrigado! A seleção jaguareense venceu pelo placar de 7 x 5 a seleção de Santa Vitória, sagrando-se campeã da 2ª taça RBS de seleções. O jogo começou em ritmo forte, a seleção de Santa Vitoria começou jogando melhor e saiu na frente, chegando a estar ganhando por 2x0, mas mesmo após a expulsão do treinador e de dois jogadores e com a lesão de macaco, seu principal jogador, a equipe visitante perturbou-se na quadra, começando aí a reação jaguareense, que mesmo não repetindo as boas atuações anteriores, contava com uma grande atuação do goleiro Alex Pitoni e com o apoio da torcida que lotava as dependências do ginásio ferrujão. A seleção jaguareense reagiu e ainda no primeiro tempo virou o placar para 4x2. Na segunda etapa a nossa seleção voltou mais tranquila, conseguindo, neutralizar as jogadas do adversário, quando faltavam 5 (cinco) minutos o goleiro Alex Pitoni ao tentar neutralizar uma jogada de ataque adversário cometeu pênalti e recebeu cartão amarelo e no mesmo lance reclamou do arbitro e foi expulso, entrando Dani que até então vinha sendo titular da equipe e com sua experiência ajudou a garantir a vitória. O treinador Kainê manteve durante toda a partida um rodízio constante dos jogadores na quadra. Os gols foram marcados por: Tano (3), Coelho (2), Pardal (1), Cordeiro (1). Nossa seleção jogou e saiu campeã com: Alex- Dani- Pardal- Leandro- Tano- Nardinho- Preto- Fabinho- Coelho- Nando- Diego e Cordeiro (JORNAL A FOLHA, 1999b, p. 16).

Além dessa matéria o jornal também continha um pôster dos campeões. Fica evidente que, no ano de 1999, a seleção de futsal de Jaguarão trabalhou de forma diferenciada, apostando em uma excelente preparação física para os jogadores e treinos de segunda à sexta-feira para aprimorar tanto a parte técnica quanto a parte tática. Nesse ano, além de ter alguns jogadores veteranos, Jaguarão apostou em formar uma equipe repleta de jovens talentosos que surgiam em nossa cidade. Porém, um fator fundamental para o ótimo desempenho da seleção de Jaguarão nos jogos como mandante, foi a interação entre jogadores e torcida, pois quando um jogador cansava ou apresentava desânimo durante o jogo a torcida o incentivava e isso tornava a equipe jaguareense imbatível quando atuava no ferrujão. Uma mostra disso foi que dos 10 jogos disputados aqui em Jaguarão, a seleção venceu 9 e empatou 1. Essa sintonia entre população jaguareense e time é uma demonstração da importância desse esporte na cidade heroica.

A cada ano que passava, a Taça Zona Sul de futsal se tornava mais divulgada na região e com maior visibilidade, através de propagandas transmitidas nas rádios das cidades envolvidas e na RBSTV/Pelotas. Além disso, a própria RBSTV apesar de não transmitir os jogos, passava os gols das partidas em seu noticiário que era transmitido de segunda à sábado no horário do meio-dia. Nessa linha de pensamento, podemos perceber que “a mídia faz com que se transporte o mundo vivido pelos grandes ídolos, suas conquistas, seus troféus, seu sucesso, para o cotidiano do cidadão, do torcedor, como se esse mundo também pertencesse a ele, como se ele fizesse parte das conquistas” (RINALDI, 2000, p. 171).

Essa influência da mídia na vida das pessoas, a RBSTV/Pelotas nesse caso, que esse ano era a única emissora aberta transmitindo para os lares de Jaguarão, fazia com que a Taça Zona Sul de futsal fosse um evento muito próximo das pessoas, e mesmo aquelas que não frequentavam os jogos se sentiam pertencentes tanto das vitórias, quanto das derrotas de nossa seleção.

No ano 2000, aconteceu a terceira Taça Zona Sul, que nessa época já era uma realidade na região. Nessa edição a seleção de Jaguarão, atual campeã, fez mais uma vez um excelente campeonato. O Jornal A Folha do dia 28 de julho de 2000 em matéria esportiva escrita por Francisco Antunes traz a manchete que tratava do jogo em Turuçu vencido por Jaguarão e tinha como título: “Jaguarão 100% de aproveitamento”. Na íntegra a matéria destacava:

Em seu quarto compromisso pela 3ª taça zona sul de seleções, a seleção de Jaguarão confirmou sua excelente fase ao golear a seleção de Turuçu por 15 x 7. Jogando no ginásio municipal de Turuçu, na quinta-feira (20), a seleção de Jaguarão conquistou a quarta vitória e a liderança isolada na chave e, ainda o melhor aproveitamento entre as 14 equipes participantes do campeonato. Em Turuçu, os jaguarenses atingiram o placar de 10 x 0, até que o selecionado local acordou e entrou para o jogo. Mas era tarde demais, o máximo que os Turuçuenses conseguiram foram sete gols enquanto que Jaguarão somou 15. Ficha técnica: Jaguarão: Dani, Pardal, Bocão e Nando. Jogaram ainda, Vagner, Cordeiro, Nelson, Nardinho e Alessandro. Técnico: Dadier Flániguen. Turuçu: Lúcio, ratinho, Betinho, Gilson e Kruger. No decorrer do jogo, entraram: Milinho, Chefinho, Graxudo, Julico, Vanderlei, Laori e Alex. Técnico: Marcelo Xamega. Gols : Betinho (3), Gilson (2), Vanderlei e Graxudo para Turuçu. Para jaguarão, marcaram, Pardal (3), Nardinho (3), Bocão (2), Nando (2), Vagner (2), Nelso (2) e Preto. Cartões Amarelos: Cordeiro (Jaguarão), Ratinho, Milinho e Graxudo (Turuçu). Cartão vermelho: Milinho (goleiro de Turuçu). Arbitragem: Marcelo Silva e Osvaldo Oliveira. Anotador: Éder Pereira (JORNAL A FOLHA, 2000, p. 17).

Utilizo essa matéria do jornal para demonstrar a força do selecionado jaguarense que, pela segunda vez em três edições da taça, disputaria a almejada

final. Com isso, o clima de empolgação na cidade heroica não poderia ser melhor. Porém, devido ao selecionado jaguareense ter feito a segunda melhor pontuação do campeonato, disputaria o segundo jogo longe de seus domínios, o que gerou muita angústia nos torcedores e preocupação para a comissão técnica e jogadores de Jaguarão, pois aqui a questão de segurança para espectadores e jogadores era garantida e respeitada, algo que em algumas cidades não acontecia.

Na primeira partida da decisão disputada em Jaguarão, as equipes de Jaguarão e Chuí fizeram um confronto equilibrado no primeiro tempo do jogo, porém, no segundo tempo Jaguarão “atropelou” Chuí e venceu com extrema facilidade pelo placar elástico de 10 gols a 4. Cabe destacar que nesta noite, durante o jogo, presenciei que ocorreram desentendimentos entre os jogadores das Seleções de Jaguarão e Chuí, esses desentendimentos foram levados para a partida de volta, que ocorreu no dia 2 de dezembro de 2000 na cidade de Chuí. O clima foi hostil desde a chegada da delegação jaguareense ao ginásio Continental no Chuí (onde estive presente na condição de torcedor). Já na entrada do ginásio, a seleção jaguareense foi alvejada com copos e latas de cerveja arremessadas contra os jogadores.

No acanhado ginásio, o jogo não transcorreu de maneira normal. Pelo contrário, no decorrer do jogo pequenos objetos, moedas, cerveja e cuspe eram lançados contra os jogadores de Jaguarão. Isso fez com que a partida fosse interrompida diversas vezes para secar a quadra. Cabe salientar um fato que ocorreu no intervalo da partida, fato esse inimaginável de se pensar acontecer no esporte em pleno século XXI: quando os jogadores se preparavam para deixar a quadra de jogo e ir para os vestiários, como é de praxe em qualquer partida de futsal, após os jogadores de Chuí saírem, foi a vez de Jaguarão, porém o inacreditável aconteceu, um homem armado de um revólver mostrou a arma e disse que ninguém de Jaguarão sairia da quadra de jogo no intervalo. Esse fato não teve maior repercussão na delegação jaguareense e não vazou para a imprensa local por dois motivos: o primeiro foi que ninguém estava disposto a prestar queixa na delegacia contra o homem que estava portando a arma. O segundo motivo foi pela questão de orgulho, pois a população jaguareense poderia pensar que os jogadores de Jaguarão perderam a final por medo e isso era inaceitável por aquele grupo de jogadores. Destaco que, além de não haver policiamento no ginásio, também não havia nenhum tipo de segurança particular.

Com o impedimento de sair, o selecionado jaguareense permaneceu na quadra durante todo o intervalo de 10 minutos sendo hostilizada pela torcida local. O resultado

final do jogo foi de 7 gols a 3 a favor do Chuí, com esse resultado o jogo foi para o tempo extra para que fosse conhecido o campeão. Nessa prorrogação de dez minutos a seleção de Chuí venceu por 3 a 1 e sagrou campeão da 3ª edição da taça zona sul de seleções pela primeira vez, enquanto que Jaguarão conhecia a primeira derrota em um jogo de final da taça conquistando o honroso vice-campeonato. A torcida jaguareense foi escolhida pela comissão organizadora da taça zona sul de seleções de futsal pela terceira vez em três edições do torneio como a melhor, mais fiel e fanática torcida do certame, o que torna clara a importância cultural da taça e do futsal para a cidade de Jaguarão. Nessa edição, o treinador da seleção de Jaguarão foi um ex-jogador do Navegantes F.C. na década de 1980, o uruguaio Dadier Flaniguen e o preparador físico foi Adão Samarone, o popular “sabão”, que atualmente é o Secretário Municipal de Educação e Desporto na cidade de Jaguarão.

Segundo Orcelli (2005), a seleção de Jaguarão do ano de 2001 que disputou a 4ª taça zona sul de seleções de futsal contava com a seguinte comissão técnica: Dardo Acosta, como diretor, Selau como preparador físico e como técnico tinha a volta de Kainê que conquistou a taça no ano de 1999. Entre os jogadores Jaguarão contava com: Iganzi, Cordeiro, Tano, Coelho, Alex, Rato, Dani, Leandrinho, Mauricio, Pardal, Barragana, Nelso, Preto e Nardinho.

Essa quarta edição teve início no dia 28 de abril de 2001 e Jaguarão chegou a final após disputar 12 jogos, obtendo 8 vitórias, 2 empates e 2 derrotas, o que fez com que Jaguarão garantisse a melhor campanha e com a grande vantagem de decidir a segunda partida em casa, onde Jaguarão era praticamente imbatível. Para descrever, a conquista do bi-campeonato da taça zona sul em 2001 por Jaguarão, utilizarei as edições do jornal Meridional do dia 16 de agosto de 2001 e do jornal A Folha dos dias 9, 16, 23 e 30 de agosto a fim de descrever parte dos textos escritos pelos colunistas esportivos do jornal Meridional, Ladimor Nunes e do A Folha, Francisco Antunes. Na primeira edição citada consta

Ginásio lotado com mais de mil e oitocentas pessoas que viram um jogo eletrizante movimentado e complicado porque a seleção do Chuí jogava bem e dificultava as ações do nosso time. Mas novamente Jaguarão conseguiu vencer o seu marcador, Jaguarão conseguiu abrir uma vantagem de três gols, mas depois algumas substituições que não deram certo, Chuí conseguiu virar o jogo em poucos minutos para 6 a 5, sorte que faltando três minutos Jaguarão teve um tiro livre direto, cobrado por Ganzí [sic], que convertendo fez o gol de empate, o gol da classificação. (JORNAL MERIDIONAL, 2001, p. 08).

Na edição do Jornal A Folha, do dia 09 de agosto, a matéria “Jaguarão vence e se aproxima da final” destaca o seguinte:

[...] foi um grande jogo, Chuy ofereceu séria resistência, não se entregando em momento algum e mais uma vez ficou evidenciada a qualidade e quantidade do plantel à disposição do treinador Kainê, que o utiliza muito bem e após um empate no primeiro tempo, uma leve superioridade de Jaguarão na segunda etapa justificou a vitória final por 5X3, conseguida principalmente após as alterações feitas pelo Kainê, colocando Tano e Nardinho (grande destaque com três gols e muita movimentação) o que deu um poder ofensivo maior à equipe. Além desses dois jogadores, também Nelso com dois gols foi destaque, mais Alex. Mas, o importante, é que todos os jogadores que entraram em quadra, o fazem com a maior disposição na busca da vitória, o que demonstra que o grupo está unido, o que é muito importante para a conquista de títulos. Assim, esta vitória acompanhada de um comportamento exemplar dos jogadores no sentido da equipe, mais a presença constante e animada do torcedor, nos enche de esperanças para decidir mais uma vez esta importante competição e quem sabe, com a decisão acontecendo em Jaguarão, possamos comemorar o bi (JORNAL A FOLHA, 2001a, p. 14).

A edição citada acima descreve a partida entre Jaguarão e Chuí. O diferencial entre as duas seleções foi a quantidade de jogadores de qualidade técnica nos dois elencos, pois nos momentos decisivos, Jaguarão sempre apresentava muitas substituições de jogadores e o bom nível de futebol não caía. Já o selecionado de Chuí contava com uma equipe com poucos jogadores de bom nível técnico e quando esses jogadores apresentavam cansaço e eram promovidas substituições, a seleção de Chuí não apresentava um bom nível de futsal. Com isso, o que fez a diferença mais uma vez foi a qualidade técnica e a quantidade de jogadores à disposição no elenco jaguarense.

Já na edição do dia 16 de agosto de 2001, o Jornal A Folha, na matéria intitulada “Jaguarão está na final”, trata sobre a passagem para a final da Taça Zona sul, como podemos perceber no trecho abaixo:

Em jogo bastante equilibrado, nervoso e algo tumultuado, a seleção de Jaguarão garantiu a sua classificação à fase final da 4ª Taça Zona Sul de futsal, ao empatar sábado à noite em 6 a 6 com a seleção do Chuy, no ginásio municipal de esportes Dario de Almeida Neves, partida que segundo o bordero do jogo teve a presença de 1804 torcedores. Torcedores estes que sofreram até o apito final considerando o andamento do marcador, que a qualquer momento poderia ser modificado para qualquer lado e caso acontecesse a vitória da equipe visitante, seria necessária a realização de uma prorrogação. Felizmente nossa seleção conseguiu segurar o adversário nos últimos 4 minutos de jogo e com empate garantiu a vaga (JORNAL A FOLHA, 2001b, p. 14).

Nessa noite, presenciei uma equipe de Jaguarão muito nervosa e uma equipe de Chuí que se superou mesmo contra as adversidades encontradas como jogar fora de seu ginásio, enfrentar uma longa viagem até Jaguarão e ainda pelo número reduzido de seu plantel se comparado com a seleção de Jaguarão. Chuí buscou a vitória que precisava para forçar a prorrogação até os últimos segundos do jogo, porém não conseguiu e, com o resultado final de empate em seis gols, Jaguarão se credenciou para disputar mais uma final.

Ainda contemplando a 4ª Taça Zona Sul, temos uma matéria do colunista Francisco Antunes, pelo Jornal A Folha, na edição do dia 23 de agosto de 2001, intitulada “Jaguarão perde mas decide em casa” que destaca o seguinte:

Jogando o primeiro compromisso da final da 4ª Taça zona Sul de futsal, a seleção de Jaguarão jogou sábado passado em Canguçu, contra a seleção local e foi derrotada por 9 a 8, mas decide o título da competição neste sábado aqui em Jaguarão contra o mesmo adversário, as 21,00 hs [sic] no ginásio Municipal Dario de Almeida Neves. Segundo o treinador Kainê (que enfrentou dificuldades na semana que antecedeu ao jogo para a realização de treinamentos normais), mesmo assim, foi uma boa apresentação em Canguçu e a derrota por um gol de diferença também aconteceu em razão da fraca arbitragem dos juízes escalados. [...] Outro fato que caracteriza bem as dificuldades enfrentadas pela seleção de Jaguarão durante o jogo, além do adversário é claro, foi que em um momento final da partida quando o jogador rato se preparava para finalizar no gol adversário, com grandes chances de ali empatar, um dirigente da seleção de Canguçu que se encontrava junto aos reservas simplesmente invadiu a quadra e chutou a bola que estava de posse do jogador jaguareense, tirando-lhe toda a chance de arremate [...] Agora sábado, ginásio lotado, jogo normal que a nossa seleção é superior e pode vencer a qualquer adversário aqui em Jaguarão e tomara no final possa a torcida, que sempre prestigiou a seleção, merecidamente comemorar a conquista do bicampeonato na taça Zona Sul de futsal, que na sua quarta realização, tem Jaguarão finalista pela terceira vez. (JORNAL A FOLHA, 2001c, p. 14).

Cabe mencionar a parcialidade dos jornais locais, pois aqui em Jaguarão, também ocorriam fatos lamentáveis nos jogos e quase sempre eram omitidos pela imprensa local. Um bom exemplo foi a agressão à arbitragem na semifinal da 1ª taça zona sul contra Camaquã em que foi agredida no final do jogo por jogadores e comissão técnica da seleção de Jaguarão. Destaco também que nessa 4ª taça citada acima, no último jogo contra Canguçu onde Jaguarão sagrou-se campeão pela segunda vez, a quadra de jogo estava muito escorregadia, sem nenhuma condição para a prática do futsal e com isso não preservando a integridade física dos jogadores. Porém, esses momentos negativos eram omitidos pela imprensa jaguareense.

Na edição de 30 de agosto de 2001 do Jornal A folha, as publicações referentes ao campeonato são as matérias principais da edição, com chamada na capa, pôster

da seleção campeã e a reportagem exaltando o título. O título da publicação é “Jaguarão é a grande vencedora da 4ª Taça RBS” e apresenta o seguinte texto:

Com a presença de mais de 2000 torcedores (2000 pagantes e 247 não pagantes) tivemos sábado passado no ginásio municipal Dario de Almeida Neves, a partida final da 4ª edição da Taça Zona Sul de futsal, competição organizada pela RBSTV de Pelotas e que confirmou a superioridade regional do futsal jaguareense com a nossa seleção conquistando o bicampeonato, tendo chegado a final em três edições. Foi um jogo atípico em se tratando de decisão já que o escore final do jogo no tempo normal foi de 11x1 para Jaguarão, lembrando ainda que no primeiro jogo realizado em Canguçu, a vitória foi daquela seleção por 9 a 8. Mas neste segundo e decisivo jogo, os comandados de Kainê atuando dentro de um esquema de forte marcação, sob pressão, não deram nenhuma chance aos adversários e o primeiro tempo já terminou com a vantagem de 4 a 0. Diante deste placar, era racional esperar por parte da seleção de Canguçu que poupasse seus principais jogadores para a prorrogação já que não dispõe, assim como Jaguarão, de um plantel numeroso e equivalente. E foi o que aconteceu e a seleção de Jaguarão foi empilhando gols e Kainê também aproveitou para uma troca constante de jogadores sem no entanto descuidar-se em manter cada um dos jogadores devidamente ligados ao jogo para ao chegar na prorrogação, todos estivessem “concentrados” e prontos para o desafio (JORNAL A FOLHA, 2001d, p. 14).

Na prorrogação, Jaguarão teve controle do jogo e venceu por 4 a 1 fazendo as 2247 pessoas presentes no ginásio vibrarem com o bicampeonato. Assim, no ano de 2001, a seleção de Jaguarão se tornava duas vezes campeã, em quatro edições disputadas, pois já havia vencido anteriormente a edição de 1999, mostrando a força do futsal local e ainda, pela quarta vez em quatro anos, a torcida jaguareense era eleita a melhor torcida da Taça Zona Sul de futsal.

Após quatro anos da 1ª taça zona sul de seleções de futsal iniciada em 1998, vinha a 5ª edição no ano de 2002 e a seleção de Jaguarão duas vezes campeã, tratava de participar mais uma vez, porém ao contrário das quatro edições anteriores, agora o selecionado jaguareense não era considerado o favorito para vencer a competição, pois a seleção de Pelotas contava em sua maioria com jogadores profissionais, que ao mesmo tempo em que disputavam a taça zona sul de seleções, também disputavam o campeonato estadual de futsal, um torneio promovido pela federação gaúcha de futsal que contava apenas com jogadores profissionais.

O escritor da coluna de esportes do jornal jaguareense Nova Manhã, do dia 25 de julho de 2002 descreve o percurso dos jogos da seleção de Jaguarão para chegar até a final do campeonato no ano de 2002, com o título “A caminhada rumo ao tri”, a matéria dizia o seguinte:

Após um começo desacreditado, a seleção jaguareense adquiriu maturidade e hoje é fortíssima ao tri campeonato da Taça RBS Zona Sul de futsal. O time da fronteira começou sua arrancada rumo a esta final vencendo Arroio Grande em casa por 9x8, depois vieram as derrotas para Herval por 4x3 e Pelotas 7x6, colocando Jaguarão em uma situação delicadíssima dentro da tabela, deixando a torcida preocupada. A partir daí pode-se ver o ressurgimento da seleção bicampeã do torneio com uma vitória maiúscula sobre Piratini em casa pelo placar de 9x3, a vítima seguinte foi Chuí que caiu por 4x1, fazendo com que Jaguarão terminasse a primeira fase em segundo lugar, atrás apenas da seleção pelotense. Nas quartas de finais o adversário foi São Lourenço e após uma derrota por 4x2 em casa o time se impôs e venceu as outras duas partidas no ferrujão conquistando a classificação à semifinal contra a sempre forte e tradicional seleção de Camaquã, primeira campeã do torneio. Já no primeiro confronto em Jaguarão a vitória por 6x2 foi conquistada com muita dificuldade dando uma amostra de como seriam os jogos seguintes em Camaquã, só que na segunda partida, a seleção camaquense jogando em casa confundiu o termo “guerra” no futebol e após muita confusão, brigas e invasão de quadra, terminou desclassificado do torneio dando a vaga na grande decisão para a seleção jaguareense [...] A princípio, as finais estão marcadas para os próximos dois domingos às 16 horas e provavelmente o ferrujão ficará pequeno para esta apaixonada torcida da fronteira. (JORNAL NOVA MANHÃ, 2002, p. 15)

Essa breve, porém correta descrição da campanha do selecionado jaguareense citada acima nas páginas do jornal Nova Manhã relata uma realidade um pouco diferente das edições anteriores da taça, pois Jaguarão passava a ter dificuldade contra quase todos os adversários, o que demonstrava cada vez mais o empenho das cidades em formar equipes competitivas. Isso demonstra a importância que a taça zona sul tinha na região.

Todas as cidades participantes agora almejavam o título do certame e formavam equipes fortes, o que tornava a vida do selecionado jaguareense cada vez mais difícil. Cito o exemplo dos confrontos entre Jaguarão contra Arroio Grande em que na 2ª taça zona sul Jaguarão ganhou pelo resultado de 10 gols a 2 e na atual 5ª taça venceu por 9 gols a 8, o que demonstra o crescimento técnico e tático de Arroio Grande, que agora possuía uma equipe forte como a de Jaguarão. Destaco também que o termo utilizado na matéria jornalística acima como “guerra” era muito comumente utilizado, porém essas “guerras”, brigas e confusões eram muito comuns até o ano de 2002, pois as punições aos infratores eram brandas.

A final da taça zona sul de seleções foi contada nas edições dos dias 01 – “Jaguarão perde a vitória no final”, e 08 de agosto de 2002, no jornal A Folha descrita pelo colunista esportivo Francisco Antunes. Abaixo seguem trechos das duas matérias:

Em um grande jogo, não poderia ser diferente, Jaguarão e Pelotas iniciaram domingo no Ginásio Municipal de Esportes Dario de Almeida Neves, a decisão da 5ª Taça Zona Sul de futsal, competição promovida pela RBS TV de Pelotas e na qual nossa seleção é bicampeã e busca o tri. O jogo excepcionalmente marcado para domingo, às 19 horas, levou um bom público até o ginásio, 881 pagantes e 1098 o público total, agradou aos presentes e manteve a emoção até o final da partida, quando nossa seleção vencia por 7x6 e permitiu, faltando 7 segundos, o empate de Pelotas [...] No jogo em Jaguarão, os gols foram marcados por Tano (2), Pardal (2) e Nando, Nelso e Fabinho. Fabinho, assim como Junior de Pelotas foram expulsos e estão fora da decisão (JORNAL A FOLHA, 2002a, p. 10).

Já destaquei anteriormente que as seleções haviam se reforçado com excelentes jogadores melhorando muito o seu nível de jogo, porém a seleção de Pelotas nesse ano elevou o nível técnico do esporte, contando com um elenco completo de quinze jogadores do mais alto nível esportivo em que todos atuavam profissionalmente mostrando muita força técnica e coletividade não dando a menor chance aos outros selecionados e conquistando seu primeiro e único título durante as quinze edições do certame.

A publicação do dia 08 de agosto tinha o título “Jaguarão perde em Pelotas e fica com o vice” e relata o seguinte:

A seleção de Jaguarão não conseguiu repetir as mesmas apresentações do ano passado e perdeu o jogo final em Pelotas para a seleção local e acabou ficando com o título de vice-campeão da 5ª etapa da Taça Zona sul de futsal, competição organizada pela RBSTV de Pelotas e que sempre teve uma participação brilhante de Jaguarão. Nesta temporada não foi diferente e apesar de algumas dificuldades encontradas e que foram superadas, nossa seleção chegou à final e encontrou pela frente um adversário categorizado, com jogadores de muito bom nível técnico e acima de tudo com muita experiência e que mediante uma grande campanha nas fases anteriores, acabou levando a decisão para Pelotas, quadra pequena, que acabou pesando no jogo final. Mesmo assim, a seleção de Jaguarão conseguiu no primeiro tempo enfrentar de igual ao poderoso adversário. Já na segunda etapa, quando nossa equipe partiu em busca da recuperação do placar, perdia por 5x3, acabou permitindo ao adversário que disparasse no marcador e chegasse no final a uma tranquila vitória por 11x4 que acabou justificando o título conseguido por Pelotas. Mas, não podemos desprezar o vice campeonato conseguido e em cima desta experiência passada, quem sabe outra vez se organizar melhor no próximo ano. Isto se for confirmada a realização 6ª Edição da Taça Zona Sul, já que devido a alguns problemas surgidos durante esta temporada, não sabemos se os organizadores estarão dispostos a realizar a competição ano que vem. Se está competição não sair, será que o futsal de Jaguarão também acabará, assim como o futebol? Sim, porque o Campeonato Citadino não mais está sendo realizado e estávamos tão somente reduzidos a organização da Seleção. Se ela não sair, parece que nada teremos. Vamos aguardar os acontecimentos e quem sabe apareça uma iniciativa de realizar competições internas novamente. Aguardemos. (JORNAL A FOLHA, 2002b, p. 10).

Ao final dessa matéria jornalística escrita acima, fica evidente mais uma vez a importância do futsal para a nossa cidade, pois o futebol de campo, que é o esporte mais praticado, mais assistido e promovido no Brasil, na cidade de Jaguarão não possuía, nos anos em que foi disputada a taça zona sul (1998-2012), um evento esportivo de grande relevância em nossa cidade. Com isso, o futsal preencheu essa lacuna que deveria ocupar o futebol de campo e movimentou a vida das pessoas na região.

Devo lembrar que na 5ª taça zona sul de futsal, ocorreram brigas em vários jogos, tanto entre jogadores quanto entre torcedores, porém, ao contrário do que muitos pensavam na época, esses incidentes não causaram o fim da taça zona sul de futsal, pelo contrário, cada vez a organização do torneio melhorava e se fortalecia.

No ano seguinte, após punições aos jogadores e seleções que não seguiam as regras do certame, ocorreram reuniões em todas as cidades que participariam da 6ª taça em 2003, com a finalidade de mostrar as sanções que seriam aplicadas aos que não seguissem as normas do campeonato. Além disso, foram aplicadas medidas de segurança como detector de metais nos ginásios, catracas para limitar o acesso a capacidade máxima estabelecida, para a melhor comodidade do público, ainda para que uma partida pudesse ser realizada era necessário a presença de policiamento dentro dos ginásios e de uma ambulância na frente para atender qualquer emergência, tanto de torcedores quanto de jogadores. Além disso, a pena estabelecida para os mandantes dos jogos que arremessassem qualquer tipo de objeto na quadra de jogo seria de perda do benefício de jogar em sua cidade.

Essas pequenas medidas, tornaram os jogos mais seguros que frequentavam os locais dos jogos, tornando assim, o futsal um esporte ainda mais atrativo para a população de todas as idades. Cabe salientar, que no ano de 2002, até mesmo o organizador do evento, sr. André Boa Nova foi vítima de uma covarde agressão por parte de torcedores locais enquanto acompanhava a delegação da RBSTV na cidade de Chувиска.

Essas medidas tornaram o campeonato denominado taça zona sul de seleções de futsal um evento cada vez mais respeitado, importante e com grande visibilidade na região sul do estado do Rio Grande do Sul e foi disputado até o ano de 2012, quando em sua última edição, a de número 15, teve Jaguarão conquistando seu quarto título vencendo Canguçu na final. Essa seria a última parte de uma peça que

levou verdadeiras multidões aos palcos, ou seja, aos ginásios da região e levaram muita alegria e emoção a todos que presenciaram pelo menos um ato.

Considerações finais

Com essa pesquisa sobre esportes busquei tratar das modalidades esportivas começando com o período denominado antiguidade, em que as práticas esportivas eram bem diferentes do modo de vista que temos sobre esportes nos dias atuais: as regras aceitavam um enorme grau de violência, pois era assim na sociedade em geral.

Atualmente, os esportes possuem muitas regras que são utilizadas para a proteção à integridade física dos atletas participantes de qualquer modalidade esportiva mesmo que esses esportes envolvam máximo contato físico, como por exemplo as artes marciais. Na antiguidade os esportes eram vistos como uma manifestação de força, coragem e beleza dos participantes; nos dias de hoje os esportes são praticados com finalidade de estética, saúde, entretenimento ou lazer e também como forma de ganhar dinheiro como nos esportes profissionais. Cito por exemplo, o futebol de campo em que os salários de alguns sportistas chegam a ultrapassar um milhão de dólares mensais.

No Brasil, desde as primeiras décadas pós abolição da escravidão, o futebol era uma das poucas formas de certa ascensão social das classes mais pobres em que durante muito tempo os negros foram impedidos de participar de clubes de futebol devido às elites que se viam como as únicas merecedoras de disputar tal nobre esporte. Atualmente, essa realidade racista mudou, porém, o futebol continua a ser uma das poucas formas de ascensão social das pessoas mais pobres.

À margem de tudo isso ou após tudo isso (violência nos esportes na antiguidade, invenção do futebol supostamente na Inglaterra, chegada do futebol ao Brasil, elite impedindo os mais pobres e principalmente os negros no período pós abolição de praticar o futebol), surge, através da ideia de um uruguaio, criar um esporte que necessitava de pouco espaço, poucos jogadores e que fosse disputado como o futebol de campo, criou-se assim o futebol de salão na década de 1930, um esporte que apesar de ser criado no Uruguai se desenvolveu de forma muito grande no Brasil até a década de 1990 quando a FIFA tomou as rédeas do esporte e o profissionalizou cada vez mais. Nos anos seguintes, até os dias atuais é um dos esportes mais praticados e com maior promoção de eventos no Brasil.

Através da presente pesquisa eu pude perceber o tamanho do significado que o esporte tem na vida das pessoas, e no caso da cidade de Jaguarão esse esporte que envolve tantos sentimentos é o futsal. Essa busca por algo a mais na vida

cotidiana dos indivíduos é preenchida com o esporte, pois aumenta a pulsação sanguínea e a adrenalina no corpo tanto de quem o pratica ativamente quanto de quem assiste algum espetáculo esportivo. Esse sentimento tão intensamente presente nos adeptos dos esportes contado desde a antiguidade até os dias atuais (embora as manifestações esportivas da antiguidade e da atualidade sejam muito diferentes) foi presenciado através da modalidade futsal na cidade de Jaguarão de forma tão grande entre os anos de 1998 até 2012, nas 15 edições da taça zona sul de seleções de futsal que até os dias de hoje em 2017 muitas pessoas ainda perguntam se o campeonato ainda pode voltar a acontecer, como que possuindo o sentimento de saudades daqueles momentos de pertencimento social a sua cidade, onde não somente os jogadores mas também os torcedores e todas as pessoas que viviam na cidade de Jaguarão se tornavam importantes de alguma forma, com extremo sentimento de tristeza coletiva nas derrotas, um momento sempre doloroso, ou mesmo no delírio total e nas caravanas de carro do corpo de bombeiros após um título conquistado em um ginásio que literalmente pulsava com mais de duas mil pessoas presentes.

Com segurança eu destaco que o torneio disputado pela última vez em 2012 faz falta, não somente porque Jaguarão era o maior campeão com 4 títulos, mas também por movimentar a cidade, pelo entretenimento que causava em toda a região, por esse sentimento de pertencimento que causava nas pessoas, o orgulho de ser jaguarense tanto nas mais duras derrotas quanto nas mais agônicas e brilhantes vitórias. Essa lacuna deixada pelo fim do campeonato de seleções de cidades ainda não foi ocupado por nenhum outro grande evento esportivo desse porte, e nem sei se algum dia será, porém o que ficam são as memórias (felizes para alguns, tristes para outros, como deve ser) de um tempo em que se vivia intensamente o futsal em nossa cidade, porém tudo na vida tem ciclo: um início, um meio e um fim.

Referências

ALVES, Eliseu de Mello. **O Futebol em Pelotas: 1901- 1941**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

Antecedentes mundialistas. Disponível em: <<http://www.amfutsal.com.py/p/antecedentes>> acesso em 11 de outubro de 2017.

BRASIL. Na ACM, a história do futebol de salão. **Jornal Diário Popular**. Brasil, 16 de abril de 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

Copa do mundo de futsal. Disponível em: <pt.fifa.com/> A Copa do Mundo de Futsal em números. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

Curriculum. Como surgiu el indoor- football. Disponível em: <http://www.fudefs.com/Ceriani.htm>. acesso em: 17 de outubro de 2017.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/o-jornal-impreso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/at_download/file> Acesso em 18 de abr. de 2016.

DA MATTA, Roberto et al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DE SOUZA, Adriano Lopes [et al.] Análise do futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural. **EFDeportes.com**, revista digital. Buenos Aires, año 16, Nº 159, Agosto de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FRANCO JUNIOR, Hilario. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo, Companhia das letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009

Futsal. Origem. O esporte da bola pesada que virou uma paixão. Primórdios do Futsal. disponível em: <http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html> . acesso em: 20 de outubro de 2017.

GOMES, Marisa de Oliveira; SAID, Gustavo Fortes. **Identidade Cultural e Futebol:** A construção da identidade brasileira no discurso midiático do jornal nacional na copa 2014. XVII congresso de ciências da comunicação na região Nordeste- natal- RN-02 a 04/07/2015.

HIDAKA, Milton Kazuo; SEGUI, Ary de Carmargo. Associação Cristã de Moços no Brasil – ACM. In: DA COSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil.** Ana Miragaya, s.d.

História. Os títulos da taça RBS. Disponível em: <http://futsaljaguareense.blogspot.com.br/p/historia.html>. Acesso em 12 de set. de 2017.

História de la AMF. Disponível em: <http://www.amfutsal.com.py/p/historia>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

JAGUARÃO. Futsal/RBS. Jaguarenses vencem Chuí e jogam dia 28 no ferrujão contra P. Osório. **Jornal Meridional.** Jaguarão, 22 de outubro de 1998.

JAGUARÃO. Taça RBS. **Jornal A Folha.** Jaguarão, 16 de Outubro de 1998a.

JAGUARÃO. Jaguarão perto da final. **Jornal A Folha.** Jaguarão, 11 de dezembro de 1998b.

JAGUARÃO. 2ª taça RBS de seleções. Seleção de Jaguarão larga na frente na 1ª partida das finais. **Jornal A folha.** Jaguarão, 19 de novembro de 1999a.

JAGUARÃO. Jaguarão é campeão da taça zona sul de seleções. parabéns campeões. Torcedor jaguareense, você foi decisivo. Obrigado!. **Jornal A folha.** Jaguarão, 26 de novembro de 1999b.

JAGUARÃO. Futsal. Jaguarão 100% de aproveitamento. **Jornal A Folha.** Jaguarão, 28 de Julho de 2000.

JAGUARÃO. Jaguarão está próximo da final do futsal. Jaguarão vence e se aproxima da final. **Jornal A folha.** Jaguarão, 09 de agosto de 2001a.

JAGUARÃO. Futsal: Jaguarão está novamente na final da taça zona sul. Jaguarão está na final. **Jornal A folha.** Jaguarão, 16 de agosto de 2001b.

JAGUARÃO. Jaguarão precisa da vitória para chegar ao bi. Jaguarão perde mas decide em casa. **Jornal A folha.** Jaguarão, 23 de agosto de 2001c.

JAGUARÃO. Jaguarão é bicampeão da taça zona sul. Jaguarão é a grande vencedora da 4ª taça RBS. **Jornal A folha.** Jaguarão, 30 de agosto de 2001d.

JAGUARÃO. 4ª taça RBS. Seleção de Jaguarão/ arroz Quero-Quero está na final. Foi difícil, mas estamos na final. **Jornal Meridional.** Jaguarão, 16 de agosto de 2001.

JAGUARÃO. Jaguarão perde a vitória no final. **Jornal A folha.** Jaguarão, 01 de agosto de 2002a.

JAGUARÃO. Jaguarão perde em pelotas e fica com o vice. **Jornal A folha**. Jaguarão, 08 de agosto de 2002b.

JAGUARÃO. 5ª taça RBS zona sul de futsal. A caminhada rumo ao tri. **Jornal Nova Manhã**. Jaguarão, 25 de Julho de 2002.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2001.

KOWALSKI, Marizabel. Futebol, Cultura e Arte: clubes esportivos, estilo de vida e a moda das tribos. **Revista Brasileira de Futebol**, julho- Dezembro, 2008.

MAZO, Janice Z.; PEREIRA, Ester L.; DA SILVA, Carolina F. Futebol no Rio Grande do Sul: conflitos entre clubes e entidades dirigentes. **Espaço Plural**. Ano 14, n 29, set. 2013, p.45-66.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MELO, Victor Andrade de [et al]. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013

MONTEVIDÉU. Justo reconocimiento a Juan Ceriani, Creador del fútbol de salón. **Jornal El Dia**. Montevidéo, 26 de Marzo de 1976.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. In: **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.13, p. 170-174. Set/Out/Nov/Dez. 2012.

ORCELLI, José Nunes. **Os 103 anos do futebol jaguareense**. Parque gráfico da pallotti: Santa Maria, 2005.

Para recordar, resultados da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª taça zona sul de futsal. Disponível em:

<http://blogdoboanova.blogspot.com.br/http://blogdoboanova.blogspot.com.br/search?q=para+recordar> . Acesso em 16 de outubro de 2017.

Perfil dos municípios brasileiros. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Rio de Janeiro, 2006.

PRIORE, Mary Del. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RAMOS, Miguel Glaser. **Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: editora da FURG, 2000.

Ranking. Disponível em: <http://www.futsalworldranking.be/>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

Reseña histórica. Fútbol de salón. Disponível em: <http://www.fudefs.com/Historia.htm>. acesso em 17 de outubro de 2017.

RIBEIRO, David Aguiar de. **Federação Rio Grandense de Desportos: conflitos com clubes de futebol.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2011.

RINALDI, Wilson. **Futebol:** manifestação cultural e ideologização. In: Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURA, Helder Barra de. Futsal. In: DA COSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil.** Ana Miragaya, s.d.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **História do esporte no Brasil:** do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VICARI, Paulo Renato. **A Transição do Futebol de Salão para o Futsal:** Um percurso histórico no Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2015.